ILUSTRAÇÃO

ANO -5.º-

Lisboa, 1 de Dezembro de 1930

PREÇO - 4$00

Número -119-

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON

60334604

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças proprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. – Se o mal se agravar, não deixe V. Exª de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

Tubos de
10 e 20 compr.

O MELHOR APARELHO DE RADIO DA EUROPA

TELEFUNKEN 90 W

O moderno receptor de estações distantes, 5 válvulas, ligação ao sector de iluminação de corrente alterna
A MAIOR SELECTIVIDADE: 3 circuitos de selecção
MANOBRA SIMPLES: Um único selector com três escalas aferidas em Kilociclos
PUREZA E INTENSIDADE DE SOM
Conjugado com um ALTOFALANTE TELEFUNKEN

TELEFUNKEN

A MAIS ALTA EXPERIENCIA **A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO**

Peça V. Ex.ª uma demonstracão aos nossos agentes ou directamente a

LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 12-16

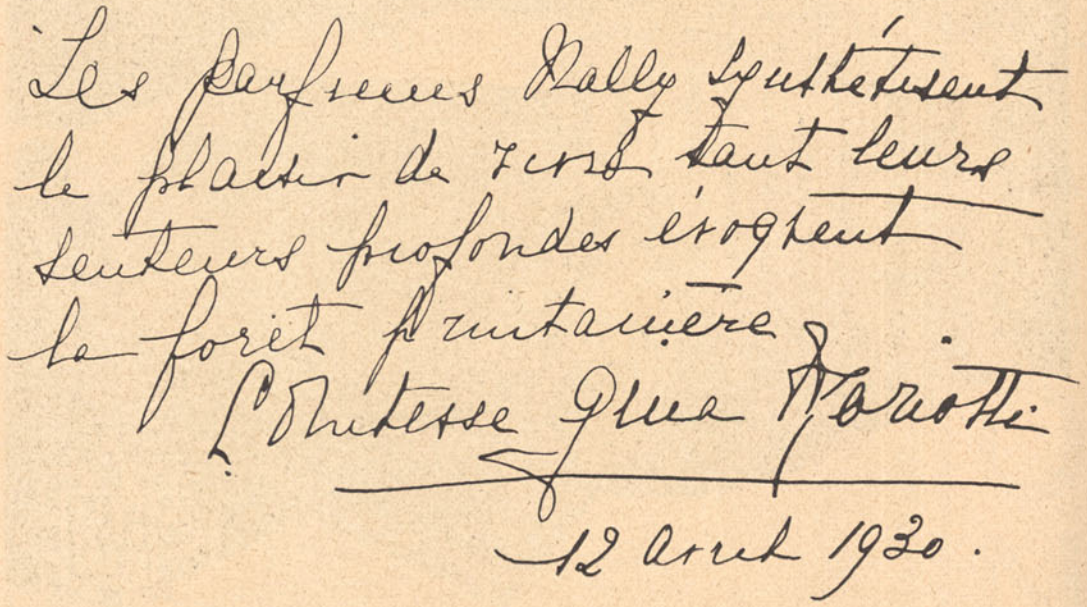
AEG

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 209-215

A Alta Sociedade Europeia e os Produtos

NALLY

Autógrafo extraido do «Livro de Ouro» de NALLY da Senhora Condessa Gina Mariotti:



Tradução:

«Os perfumes NALLY sintetisam o prazer de viver, tanto os seus profundos aromas evocam a floresta primaveril».

Os PRODUTOS NALLY, de perfumaria e beleza, obtiveram de Rainhas, Princezas e Aristocratas referências unicas até hoje, EM TODO O MUNDO!

Jámais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegância, e isso, só por si, coloca a marca NALLY acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.

Os bebés de hoje são os alicerces da raça

Oh, Mães extremosas! Procurem fazer com que os seus filhinhos cresçam sadios, robustos, com toda a vivacidade.

A Maizena Duryea offerece os meios para V. S. preparar pratos que os bebés acharão deliciosos e que são ao mesmo tempo nutritivos e de facil digestão.

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necessarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã.

Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se econtram as receitas de muitos pratos especiaes para os bebés, além de muitos outros, deliciosos e alimenticios para toda a familia. Com prazer o enviaremos gratuitamente.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115 — LISBOA

*Nome*_____
*Rua e No.*_____
*Cidade*_____

MAIZENA DURYEA

Transparente é o espaço de tinta da caneta-tinteiro "Pelikan"; sabe-se sempre quando deve-se enchêl-a novamente. Presta-se a toda calligraphia. Num tamanho só; sempre da mesma qualidade. Um preço:

Esc. 90-

Pelikan

para todo o mundo

GÜNTHER WAGNER, HANNOVER

A' venda nas casas do ramo

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume

DA **BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS**

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberimo dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10$00**
Encadernado luxuosamente ..... **18$00**

Á venda em todas as livrarias

32.º — ANO — 1931

PEDIDOS AOS EDITORES:
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 = LISBOA

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulador KURLASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmetico, em alguns segundos, **arquear** *as* **pestanas** *tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os produtos* **VILDIZIENNE** *e ondule-as com* **KURLASH.** Use na toilette da noite *Creme* de Massagem *Rainha da Hungria* e da toilette diaria, Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande marca *Rainha da Hungria,* 5 amostras 10$00, pelo correio 14$00 que embeleza

Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

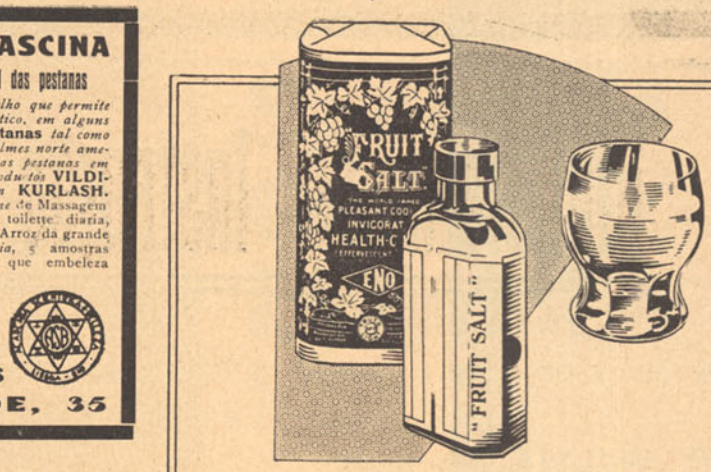
Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: **M.me CAMPOS**

AVENIDA DA LIBERDADE, 35



O "Sal de Fructa Eno", consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o "Eno" tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e á noite.

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: **ROBINSON, BARDSLEY, & C.ª LTD.**

8, Caes do Sodré, LISBOA.

"EVA" **Uma linda capa**

Uma elegante primeira página — Uma sensacional página central — Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: *Artigos, Crónicas, Crítica literária, Conselhos e alvitres, Culinária*

MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DO NATAL

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição)
2 — Fialho de Almeida (2.ª edição)
3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição)
4 — Alexandre Herculano
5 — Gomes Leal
6 — Eça de Queiroz
7 — Guerra Junqueiro
8 — Eugénio de Castro
9 — Os eternos sonetos de Portugal
10 — A Batalha (2.ª edição)
11 — Bocage
12 — Marcelino Mesquita
13 — As mais lindas quadras populares
14 — António Nobre
15 — Marquesa de Alorna
16 — Gil Vicente
17 — Camilo e o Centenário
18 — Júlio Denís
19 — Júlio Dantas
20 — Ex-libris
21 — Sonetos contemporâneos
22 — Sá de Miranda
23 — Nicolau Tolentino
24 — Garcia de Rezende
25 — Latino Coelho
26 — Soror Mariana
27 — Ramalho Ortigão
28 — D. João da Câmara
29 — H. Lopes de Mendonça
30 — A Cerâmica
31 — Cartas de Soror Mariana
32 — Júlio Cesar Machado
33 — Manuel Bernardes
34 — Gonçalves Crespo
35 — Fernão Lopes

Preço de cada volume da colecção: 2$50

À venda na Filial do «Diário de Notícais, Largo de Trindade Coelho, n.os 10 e 11 e nas outras livrarias.

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados:

MANUAL DO FERREIRO
Nova edição . . . . . 13$00

ELEMENTOS DE PROJECÇÕES
Nova edição . . . . . 16$00

FISICA ELEMENTAR
2.ª edição . . . . . 14$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL
6.ª edição, revista e ampliada . . . . . 16$00

Outros volumes recentes:

MANUAL DO TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS
Nova edição . . . . . 13$00

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS
Nova edição, actualizada . . . . . 30$00

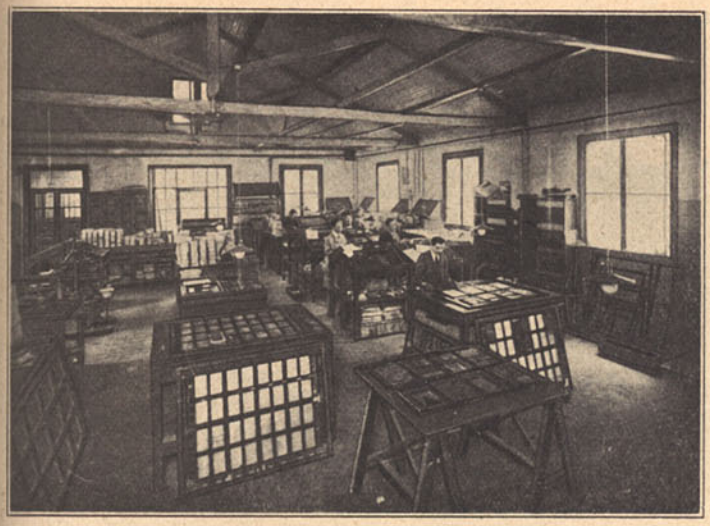
ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE
2.ª edição . . . . . 40$00

No prelo:

VOCABULÁRIO TÉCNICO
e outros volumes

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — *LISBOA*



OFICINA DE COMPOSIÇÃO

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE GRANDE ARTE
TRABALHOS COMERCIAIS
INEXCEDIVEL PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS GRATIS

E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine Bertrand, O Volante, Historia da Literatura Portuguesa (Ilustrada), O Comercio Português, Almanach Bertrand

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECÇÃO ESPECIAL DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ULTRA- - - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

OFICINA DE IMPRESSÃO

O Stand da nossa casa na Exposição da Luz, no Palacio das Belas Artes

ASPIRADORES, ENCERADORAS, FILTROS E FRIGORIFICOS

As nossas fábricas, quatro na Europa e duas na América, fabricam só estas especialidades, mas orgulham-se em fabricar o melhor e o mais perfeito material que existe no mercado mundial.

Os nossos clientes são a nossa melhor propaganda

Rua Mousinho da Silveira, 34
Telef. P. B. X. N.º 5157-5158
LISBOA

Electrolux,

Praça da Liberdade, 123
Telefone N.º 2033
PORTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. : 2 1467
EDITOR : Augusto Brito
• •
ANO 5.º — NÚMERO 119

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA
DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

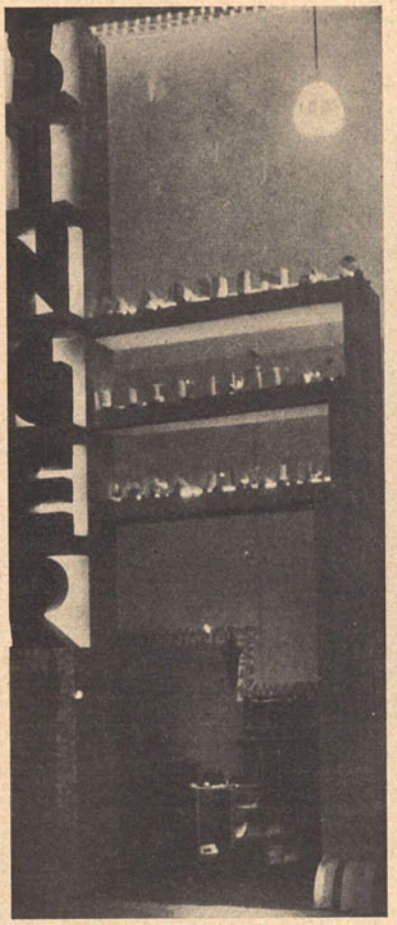
PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª
ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : 2 3132
• •
1 DE DEZEMBRO DE 1930

A EXPOSIÇÃO DA LUZ

A Grande Exposição da Luz e Eléctricidade Aplicada ao Lar, realizada na Sociedade de Belas Artes, por iniciativa da *Electro-Rèclamo, Ltd.ª*, com o patrocínio de *O Século*, obteve um triunfo magnífico. *À esquerda:* um aspecto do mais imponente dos *stands*, a instalação soberba das Companhias Reünidas Gás e Eléctricidade, realização de Albert Jourdain e onde se expõem os aparelhos de uso doméstico, a Gás e Eléctricidade, desta companhia e que são um prodígio de eficácia e elegância de apresentação. À ESQUERDA — *Stand Citroën:* Neste *stand* encontra-se exposta uma berline do último modêlo C 4 F que vem juntar uma nota de elegância a tôda a exposição. Tem êste *stand* uma nota característica fazendo sobressair cartazes realmente felizes. À testa do *stand*, como de resto dirigindo as vendas de Lisboa, está o nosso amigo Xavier de Almeida. Adivinha-se o bom gôsto, na difícil tarefa de dar os últimos retoques, do sr. Conde di Carrobio delegado da fábrica que contribuiu com seu decidido saber para a originalidade da exposição

EM CIMA — O magnífico *stand* da *Siemens*, a fábrica de fama universal, fundada há perto de 100 anos pelo grande físico alemão Werner Siemens, descobridor do dinâmo. A *Siemens*, hoje a maior organização electrotécnica do mundo, apresenta no seu *stand* os seus incomparáveis aparelhos e maquinismos fabricados em Siemensstadt (a cidade Siemens) perto de Berlim e espalhados pelo mundo através uma organização modêlo que conta 130.000 empregados
À ESQUERDA — A *Electro-Lux* é associada ao consorcium Electro-Lux internacional sueco, de Estocolmo, e tem escritórios na rua Mousinho da Silveira, 34. Expõe os seus acreditados aspiradores eléctricos de pó *Electro-Lux* e enceradores eléctricos *Electro-Lux*. No centro do *stand*, construido com o máximo bom gôsto, vê-se um frigorífico doméstico do maior modêlo, também marca *Electro-Lux*, que se distingue de tôdas as outras construções por não ter motor, nem compressor, nem ventilador e poder trabalhar tanto com eléctricidade como com gás ou petróleo, o que lhe dá um consumo reduzidíssimo. Os filtros de água *Electro-Lux* já muito usados em Lisboa e província para purificação das águas, encontram-se também expostos

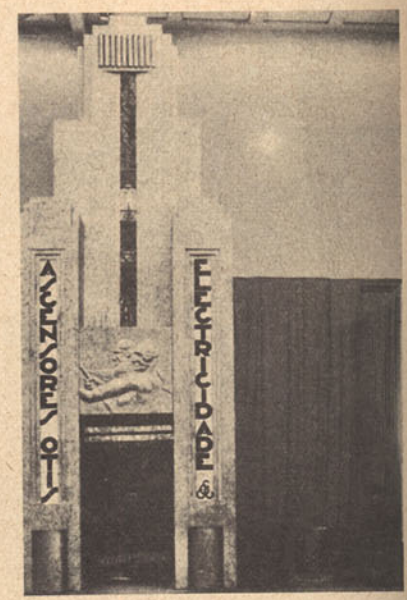
EXPOSIÇÃO DA LUZ



Stand da grande marca de máquinas de costura *Singer* devido ao decorador Roberto Nobre e onde se expõem os últimos inventos desta casa, máquinas eléctricas para costura, motores eléctricos de fácil aplicação a todos os maquinismos de costura, etc. É um *stand* magnífico pela apresentação e pelo que se expõe.

O *stand* Mazda; também da Sociedade Ibérica de Construções Eléctricas, Ltd.ª, obra de Alberto Jourdain, apresenta um mostruário sintético de aparelhos de iluminação racional *Albalite* de Paris, entre êles um reflector *Modul* verdadeiramente excepcional; dispostos em degraus destacam-se reflectores e projectores X Ray, da Curtis Lightong C.º.

Neste *stand* brilham as lâmpadas *Mazda*, cujo nome está ligado ao de Edison, que criou a primeira lâmpada *Mazda* há mais de 50 anos e portanto a razão de ser desta exposição de luz.



O Stand da firma Sampaio Baptista, projecto dum novo cheio de talento, o arquitecto Eduardo Martins, marca pela sua originalidade e pela beleza da sua concepção, dum gôsto muito modernista.

Faz-nos lembrar um arranha-céus, onde funciona um pequeno modêlo, de ascensor, completo, com a sua cabine de alumínio e uma porta articulada. No fundo do *stand* vê-se um modêlo reduzido, mas perfeitíssimo da máquina do ascensor, que o põe em movimento, automàticamente. De interessante há a constatar, que todo o material dêste ascensor, excluindo apenas o motor eléctrico(foi construido nas oficinas da firma Sampaio Baptista, por pessoal português.

Esta firma representa em Portugal o *trust* mundial OTIS, que constrói os melhores e mais modernos ascensores de todo o mundo, com fábricas situadas na América do Norte, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Bélgica.

Modelarmente organizada, a firma Sampaio Baptista, está como nenhuma outra, em condições excepcionais para efectuar a montagem de ascensores, tendo realizado ultimamente o extraordinário *récord* da montagem, no período curtíssimo de 30 dias, de sete aparelhos, instalados no Grand Hotel Palace do Estoril.

Dirigem os trabalhos de instalação e oficina os engenheiros Sampaio Baptista e Silva Martins, coadjuvados brilhantemente pelo electro-mecânico João de Campos, que tem feito diversos e prolongados estágios nas fábricas OTIS.

O *stand* S. I. C. E. (Sociedade Ibérica de Construções Eléctricas, Ltd.ª) de aplicações da eléctricidade ao lar, expõe-se uma enorme variedade de aparelhos *Thomson* ou *Hotpoint;* ferros de engomar, aquecedores de água, radiadores, fogareiros, fogões, etc., e um *Refrigerator General Electric* o frigorífico ideal, o mais perfeito do momento.

Stand da *Fábrica Marquês de Pombal* da Marinha Grande. Esta fábrica foi fundada em 1914 por António Magalhães Júnior e começou a laborar em 1917 sob a direcção do sobrinho do fundador sr. João Magalhães Júnior, distinto artista e desenhador, que muito tem contribuido para o desenvolvimento da indústria vidreira no nosso país.

Êste *stand* torna-se muito interessante pela natureza e bom gôsto dos produtos expostos e por ser uma indústria nacional que nada fica a dever ao estrangeiro.

O belo *stand* de J. Gonçalves, o conceituado comerciante da especialidade, apresentando as últimas novidades em máquinas para contabilidade *Monroe*, as máquinas de imprimir endereços *Adrema*, ficheiros modernos para contrôle de negócios e *stocks*, da importante firma americana *Acmé Card System* e outros aparelhos de mecanização dos serviços de escritório.

A EXPOSIÇÃO DA LUZ

A «Electro-Rèclamo, Ltd.ª», foi a iniciadora do famoso «certamen» «Exposição da Luz», que tão grande triunfo alcançou. O engenheiro José Carlos dos Santos e o pintor António Soares foram os grandes animadores desta iniciativa, celebrizando ainda mais a firma de que são dirigentes e à qual a cidade deve o seu aspecto europeu pela ousada introdução, entre nós, de tôdas as modalidades do rèclamo luminoso. O motivo principal do *stand* é um enorme *combinador*, que movimenta a iluminação geral, sendo notáveis os produtos «Atrax» com iluminação Ballonta, «Brik», «Filtrolux» e «Redfers», representados da «Electro-Rèclamo, Ltd.ª»

O *Stand* do fotógrafo Serra Ribeiro, apreciado profissional, que emprega a fotografia eléctrica segundo os últimos progressos dessa técnica. O projecto desta instalação é dos arquitectos irmãos Rebelo de Andrade e foi construído pelo sr. João Alcobia. Tôda a nossa reportagem da «Exposição da Luz», a mais completa de tôdas, foi realizada por êste brilhante artista

A ESQUERDA — O *stand* modernista da grande firma técnica Stubbs & Guedes, revelando, pelo seu aspecto, a modernidade de processos e a actividade febril, «1930» daquela casa, expõe à admiração do público a sua maravilhosa lâmpada eléctrica *Ormuz*, uma revolução no género, fabricada nas gigantescas fábricas austríacas de que são monopolistas os expositores. A firma Stubbs & Guedes, pela sua organização modelar e pela importância que a sua acção comercial apresenta no baratcamento das lâmpadas eléctricas no mercado português, bem merece de todos

EM BAIXO — O *stand* de *Frigidaire*, a formidável marca de frigoríficos eléctricos de que é representante o sr. Diniz M. de Almeida, é um dos que mais atrai a atenção, sobretudo pela qualidade e apresentação dos maquinismos expostos, que se impõem absolutamente à preferência do público. *Frigidaire*, é a marca que detém dois «Grand-prix» em Sevilha e Barcelona, sendo fabricada pela General Motors, numa produção de muitos milhões de aparelhos espalhados pelo mundo

ELECTRO-JORNAL

Uma grande surpreza, mesmo revelação, nos apresentou a Exposição da Luz e da Electricidade aplicada ao lar. Queremos referir-nos ao *Electro-Jornal*, o mais pequeno jornal luminoso até hoje fabricado.

Bastaria o facto de ser de patente e fabricação nacional para justificar a nossa maior admiração e despertar o nosso orgulho de portugueses. Mas *Electro-Jornal* vale ainda por mais do que por isso.

Sintetiza tudo o que de mais prático e interessante até hoje tem sido fabricado em matéria de jornais luminosos.

Sendo constituido por centenas de lâmpadas, o seu consumo de energia eléctrica é de $60 por hora, tanto como uma única lâmpada eléctrica! Isto torna *Electro-Jornal* o rèclamo luminoso mais económico do Mundo.

O seu funcionamento é assaz simples: Uma criança o pode pôr em funcionamento, bastando para isso dar a volta a um vulgar interruptor. Os textos são manufacturados com o auxílio de uma máquina perfuradora especial e podem variar consoante a nossa vontade.

Para os jornais de grande circulação, suas filiais e agências, para os Teatros, Cinemas, Parques, Cafés, grandes Armazens e estabelecimentos de primeira ordem, *Electro-Jornal* é indispensável e é o mais prático, económico e interessante rèclamo luminoso que podem adquirir.

Electro-Jornal desperta vivamente a atenção de todo o visitante da Exposição da Luz. O seu inventor e fabricante, a firma M. Cabral, na rua Camilo Castelo Branco, 20, tem sido calorosamente felicitada pelo êxito que o seu pequeno aparelho tem alcançado e a essas felicitações nos associamos de bom grado não só por reconhecermos o valor e a utilidade do seu *Electro-Jornal* mas também por ser um invento que honra sobremaneira a indústria nacional.

A CATÁSTROFE DE LYÃO

À ESQUERDA:
Um aspecto dum dos bairros sôbre os quais desabou a colina de Fourviére, causando numerosas vítimas

NO OVAL DE CIMA, à *direita* — A remoção dos destroços dos prédios derrocados de Lyão, onde pereceram umas cinqüenta pessoas, entre elas vinte bombeiros que tentavam salvar sinistrados

EM BAIXO, à *esquerda* — Outro aspecto da remoção dos destroços em busca dos cadáveres

NO OVAL DA DIREITA — Eduardo Herriot, o grande político radical francês, actualmente, de novo, Maire de Lyão, a-pesar de gravemente enfermo, acorreu ao local da espantosa catástrofe, dirigindo, em pessoa, os socorros

(Fotos Orrios)

O grande caudilho republicano espanhol Marcelino Domingo que fêz estrear no teatro Eslava, em Madrid, uma formosa comédia dramática *João sem nome* que obteve um êxito colossal, sendo delirantemente aplaudida

(Foto Orrios)

NO PRÓXIMO NÚMERO

A exemplo do sucedido nos anos anteriores, o nosso próximo número é dedicado ao Natal e, por isso mesmo, um número extraordinário de sumário gráfico e literário. Assim, inserirá colaboração inteiramente inédita dos prestigiosos escritores portugueses dr. Júlio Dantas, Aquilino Ribeiro, dr. Sousa Costa, dr. Brito Camacho, Jaime de Balsemão, Amâncio Cabral, Castelo de Morais, Novais Teixeira, D. Maria F. Costa, Mário Domingues, Fernando de Pamplona e dr. Eucaristino de Mendonça e ainda dos eminentes valores das letras mundiais Leonidas Andreieff (Rússia) e Eduardo Zamacois (Espanha).

Neste número de Natal, número verdadeiramente extraordinário que, como brinde, oferecemos aos nossos queridos leitores, colaborarão, com os magníficos desenhos e ilustrações os grandes desenhadores Stuart Carvalhais, José Tagarro, Tom, Duarte de Almeida, Rocha Pereira e Ilberino dos Santos. A capa é uma soberba e luxuosa composição de José Tagarro, impressa com requintes de luxo gráfico. Em separata oferecemos três quadros de fama mundial, em reproduções a cinco côres, de grande tamanho, sôbre moldura de luxo. Os melhores colaboradores fotográficos da nossa revista, Orrios, João Martins, Aureliano Carneiro, Horácio Novais, Moura Coutinho, etc., também estabeleceram artística porfia para apresentar formosas produções. Um número notabilíssimo.

Inserirá, ainda, êste formoso número, de grande profusão de páginas, as secções habituais, não sendo aumentado o seu preço de venda.

Aparecerá em 20 de Dezembro e corresponderá à segunda quinzena do mês.

O NAUFRAGIO DO "HIGHLAND HOPE"

À ESQUERDA: — O único retrato que se conseguiu tirar do capitão do «Highland Hope», que a todos os «reporters» negou a sua fotografia, e que representa um triunfo de reportagem do nosso fotógrafo H. de Novais

(Foto exclusiva de «Ilustração»).

EM CIMA: — Os emigrantes galegos da terceira classe do paquete naufragado e que perderam os seus pobres haveres

NO MEDALHÃO, *de baixo:* — A chegada de alguns naufragos à estação de Alcântara-Terra

Um grupo de tripulantes à chegada a Lisboa

À DIREITA: — Alguns passageiros de primeira e segunda classes, à chegada a Lisboa ainda cobertos apenas com as roupas escassas de que puderam munir-se

EM BAIXO: — O grande paquete, na manhã seguinte ao sinistro, encalhado nos rochedos dos Farilhões, junto às Berlengas

(Fotos «Ilustração»).

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

Um aspecto da «Puerta del Sol» visto da «Calle del Carmen» nos dias da gréve geral declarada pelo operariado, em virtude de anteriores conflitos sucedidos no dia do entêrro das vítimas do desabamento dum prédio na «Calle Alfonso Cano»

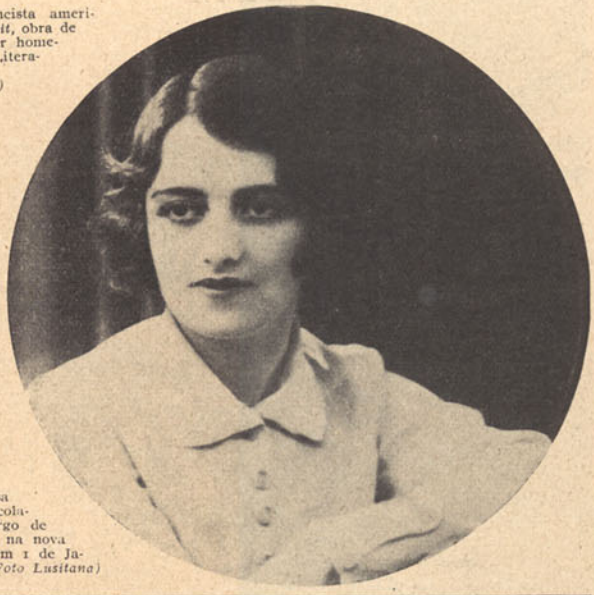
À DIREITA: — O aspecto bélico das ruas de Madrid ocupadas pela Guarda Civil durante as gréves e tumultos que se verificaram com o pretexto de homenagear operários mortos em lamentável desastre de trabalho

À ESQUERDA: — Um momento crítico das arruaças. A Guarda Civil a cavalo e a polícia, ocupando violentamente a «Puerta del Sol» e intimando os estabelecimentos a fechar e os transeuntes a recolher às suas casas. Nota-se a pequena vendedora de jornais que, obstinadamente, ficou junto da sua modesta locanda, mesmo durante as cargas e tumultos, vendo-se as autoridades forçadas a obrigá-la a retirar-se para uma casa próxima onde foi recolhida

(Fotos especiais de Orrios para «Ilustração»).

A ESQUERDA — O genial romancista americano Sinclair Lewis, autor de *Babbit*, obra de fama universal e que acaba de ser homenageado com o *Prémio Nobel* de Literatura dêste ano.

(Foto Orrios)



A DIREITA: — Mademoiselle Maria Luísa de Lacerda, ilustre amadora de canto, uma das mais distintas discípulas de Madame Ernestina Freixo e das mais formosas meninas da nossa sociedade, filha do nosso presado colaborador Raul de Lacerda, a cargo de quem vai ficar a secção *Motores* na nova fase da nossa revista a iniciar em 1 de Janeiro de 1931.

(Foto Lusitana)

VIDA SOCIAL

A DIREITA — A benemérita Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto comemorou mais um aniversário. Na foto vê-se o nosso ilustre camarada Lopes Vieira, redactor principal de *O Primeiro de Janeiro* pronunciando o seu discurso. Na presidência o ilustre sábio dr. Gomes Teixeira

(Foto Álvaro Martins)

O *Prémio Nobel* da Química foi outorgado, êste ano ao ilustre professor dr. Hans Fischer, lente de química orgânica em Munich pelos seus trabalhos da síntese das aminas no parenchima vegetal

(Foto Orrios)

Casamento, recentemente realizado, do distinto e moço facultativo dr. Daniel Carreira, com D. Gabriela Gaspar Carreira, gentilíssima filha do abastado comerciante sr. José Gaspar Carreira

(Foto «Ilustração»)

O *Prémio Nobel* para a Física foi, êste ano, conferido ao professor indiano Sir Chandracekhara Venkapa Raman, de Calcutá, pelos seus trabalhos sôbre a difusão da luz que são considerados os mais notáveis do último decénio, em todo o mundo

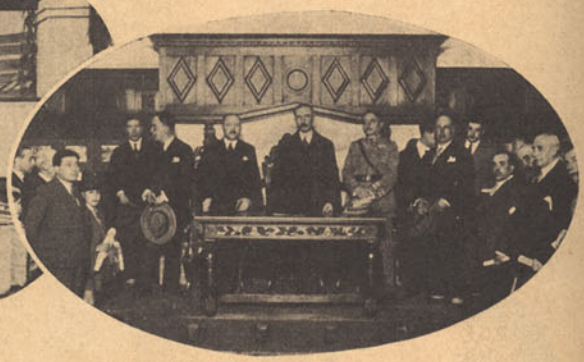
(Foto Orrios)

PELO NORTE DO PAÍS

A GRANDE EXPOSIÇÃO DO MILHO NO PALÁCIO DE CRISTAL — Na magestosa nave central do Palácio de Cristal Portuense efectuou-se o formidável certame, de tão altos e patrióticos objectivos, a que se deu o nome de *Exposição do Milho* e que é uma enorme parada do nosso esfôrço de ressurgimento agrícola

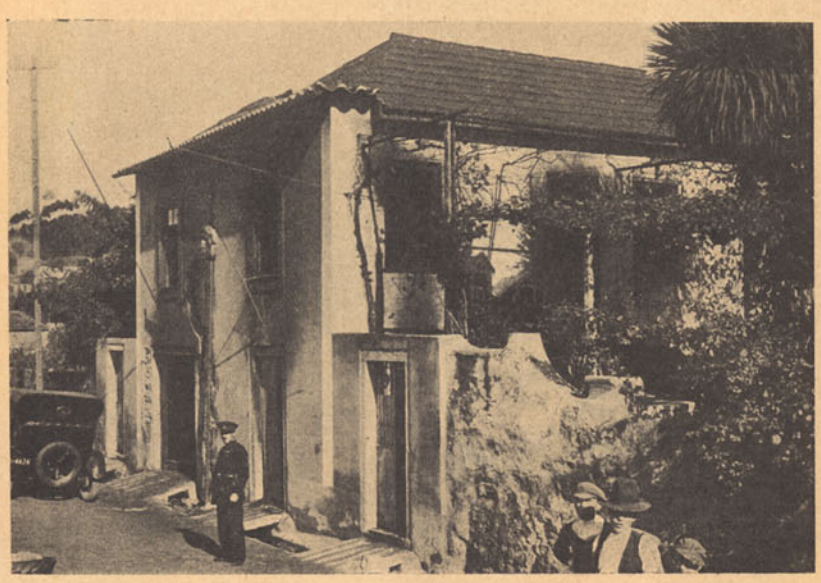
A ESQUERDA — Vista geral da Exposição

NO OVAL DA ESQUERDA, *em baixo* — Um dos mais originais e valiosos *stands* da Exposição: o do *Sindicato Agrícola de Vila do Conde*



NO OVAL DE BAIXO — Um aspecto da sessão solene de abertura da Exposição, vendo-se na presidência o sr. ministro da Agricultura, ladeado pelos srs. governador civil do Pôrto e presidente da Câmara Municipal

(Fotos Álvaro Martins)



A ESQUERDA — O CRIME DE CANELAS (Gaia). A casa incendiada onde apareceu um *chauffeur* assassinado e carbonisado, mistério que foi prontamente decifrado pelas autoridades, produzindo funda emoção

O sr. ministro da Agricultura e entidades oficiais, visitando a Exposição do Milho

(Fotos Álvaro Martins)

Barbudo

Barbudo

Bardi

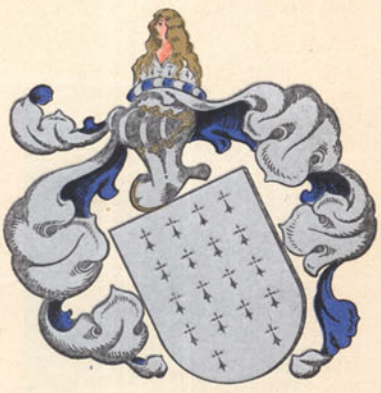
Barejola

Barradas

Barregano

Barreira

Barreto



Barreto

Barriga

Barros

Barrozo

DA TERRA DOS PRETOS

O "DENTISTA"...

Desconhecem vocelências, meus leitores, o predicado do preto para a arte dentária; e nem admira, porque sendo a África tão grande, todos receiam cá vir, a não ser aqueles a quem a voz do Destino para aqui arremessa com aquela banalidade, aqueles desprêso com que os doidos olham para a morte ou o boi para o palácio. Só êsses é que vêm a êste vasto campo, que seria uma fonte de riqueza se fôsse mais bem olhado por quem de direito. Assim é sempre aquela velha pobreza franciscana, aquela miséria de todos os tempos. Os que a ela recolhem a fim de terem o resto da vida mais desafogada, passam mil e uma privações, mil e um martírios — não se falando nos que por cá ficam a dormir o sono eterno à sombra dum himbondeiro, e por êsses cemitérios do mato, uns com miséria e outros sem assistência médica como tantas vezes sucede.

É um louvar a Deus!...

Mas o preto que conhece bem os martírios que certos brancos passam, para suprir as faltas que os outros sentem, e como não está provido assim de metal sonante para sustentar dentistas pelo mato ou tão pouco para mandar às universidades filhos seus em procura de diplomas, tratou de os educar a seu modo a fim de que êles possam trabalhar nessa cirurgia. E como não têm casas próprias para estabelecer os seus consultórios, nem tão pouco da metrópole lhe confiam os aparelhos necessários para êsse fim, pagos mediante aquele contrato sacramental das três prestações: — *tarde, mal e nunca,* resolveu substituir tudo isso pela forma mais prática e económica possível. E quando algum cliente, seu patrício, se queixa que não pode *mastigar* bem o capim, êle senta-o numa pedra, faz do mato seu expansivo consultório, manda um outro preto segurar a cabeça do enfermo pelo lado das costas, pega num ferro delgado, aponta-o como se fôsse um cinzel ao dente atacado e dá-lhe uma ou duas pancadas com uma pedra, mas bem puxadas, e aí temos o dente a fugir pelos queixos do padecente fôra com mêdo de ficar esmagado...

Quando tal ouvimos, achamos-lhe certa graça — se é certo que ao mesmo tempo sentimos dó do infeliz a quem tal doença assalta, pois deve ficar com os fechos da caixa maxilar desengonçados...

Nós já conhecíamos a história daquele ferreiro, que *in illo tempore,* quando não havia anesteziantes, anunciou, por ter pouco que fazer, a extracção de dentes sem ferro e sem dôr. E de facto assim conseguiu extorquir a massa a alguma clientela. Êle não sentia a dôr, é certo; mas o doente que lá ia, a primeira vez por engano, dava ao diabo tal dentista. O mariola, levava o padecente para junto da forja, atava uma extremidade dum arame fino ao dente em questão, prendia a outra à bigorna, metia um ferro na forja, e quando êle estava em braza, chegava-o ao rosto da vítima, que para não ser queimada dava tal esticão que o dente saía nem que estivesse prêso por uma junta de bois como aquela que foi encarregada de transportar os sapatos de Nicolau Tolentino. O preto, porém, não se serve dêste processo, talvez o desconheça, mas em compensação adopta outro que se assemelha bastante.

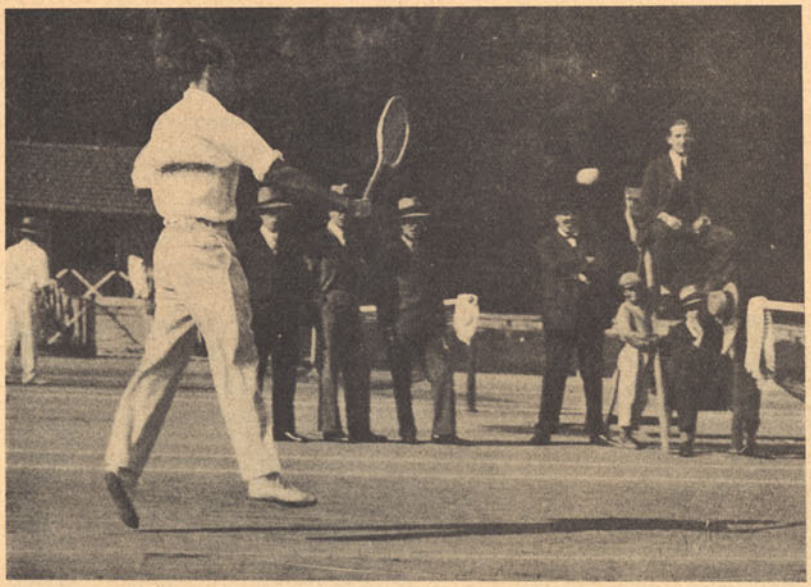
Olha se um dia êste progresso dentário entrasse na metrópole?!... Cruzes, santo Deus!... Estamos por certos que as meninas e os meninos chiques que gostam de andar pelos consultórios dentários, muitas vezes mais por snobismo que por doença, deixavam de sofrer das suas formosas e bem perfumadas máquinas da *mastigação.*

Sá da Bandeira (Angola), 1930.

ZARCO DE ALMEIRIM.

NOTA — Há certos pontos do mato em que o preto também se serve dum canivete para extrair os dentes rasgando as gengivas.

QUINZENA DESPORTIVA



Uma esquerda de José Roquete, esperança do «tennis» português

Em tôdas as grandes capitais do mundo se considera como um importante problema urbano a criação de parques públicos ou jardins apropriados, onde as crianças possam em liberdade brincar e correr, fazendo aquela parcela de vida ao ar livre que é indispensável ao seu robustecimento.

Procura-se assim evitar a pululação de enfêzadas «crianças-plantas de estufa», que são um dos maiores flagelos dos grandes centros de população, cujo ar viciado, cujo ambiente escasso de sol tão nocivo é ao crescimento e desenvolvimento da infância.

Esta faculdade de brincar ao ar livre, que é para a criança o mais eficaz processo de edução social, o caso está sendo tratado com cação física, não pode ser dispensada e é absolutamente insubstituível; deve ser tomada como um ponto basilar da puericultura citadina e orientada, sobretudo, no sentido dela poderem aproveitar as crianças das classes operárias e modestas, aquelas cujo ambiente de existência é no nosso país totalmente falho das mais elementares regras de higiene.

Nas capitais modernas, naquelas que evolucionam abertamente para as modernas teorias o maior carinho, e encontram-se realizações que, antepostas à nossa insuficiência, nos deixam pasmados.

Em Viena de Austria, onde os jardins abundam, as avenidas arborizadas se encontram a cada passo e os parques se espalham por tôda a cidade, a vida ao ar livre atingiu proporções de liberdade que em parte alguma voltei a encontrar, e que talvez um dia me mereça referência especial; noje interessa-me apenas o que lá observei destinado às crianças.

Nos jardins e parques públicos, existentes em todos os bairros, há recintos vedados, espaçosos, apropriados aos jogos infantis e onde nos dias de primavera e de estio as crianças, quási núas, numa liberdade sã, fruem a sua parte de sol.

Por tôda a parte onde haja árvores os ranchos de pequenitos saltitam e chilreiam como bandos de pardais; são êles os verdadeiros senhores do local. Ninguém lhes pede contas dos seus folguedos nem lhes impede suas corridas.

Em Lisboa, os jardins servem para vista e para exclusivo regalo dos velhos, dos que já viveram a sua actividade e para ali vão passar em calma as horas do seu crepúsculo; as crianças, as que despertam em horas de alvorada e vêem ainda o sol subindo no caminho da sua existência, não têm direito a dêles aproveitar. Não se lhes permite que brinquem, não se lhes permite que corram.

Generaliso pelo que conheço em detalhe; no jardim Constantino, à Estefânia, não permite o guarda que as crianças brinquem, alegando que estragam os canteiros, e no jardim do Matadouro nem correr podem, não sei bem sob que pretexto.

Importa mais a integridade de uma planta temporã do que a saúde de uma flor humana em pleno vicejar!

Se estas linhas caírem sob o olhar de algum senhor vereador, medite-as e providencie, que terá feito um bom serviço.

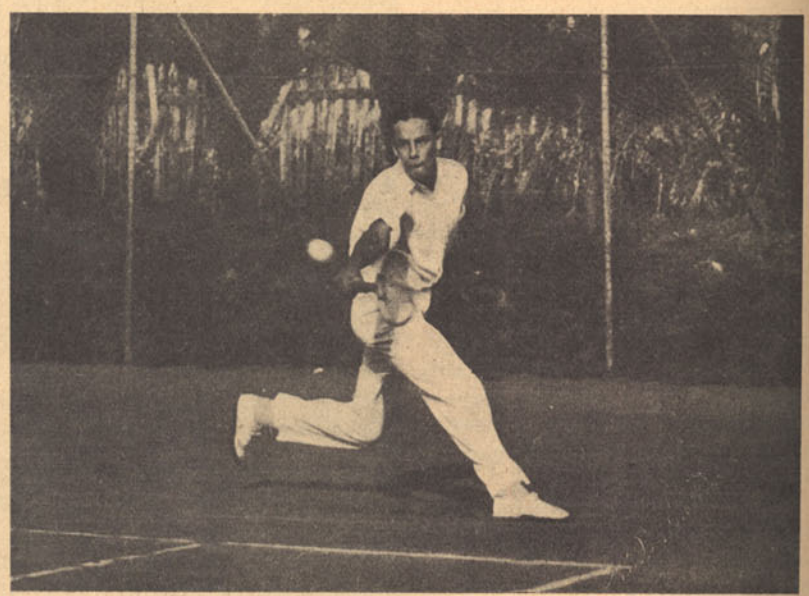
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A iniciativa da Sociedade de Geografia criando uma Escola Superior de Educação Física, cuja inauguração teve lugar na passada semana, é digna dos maiores encómios e merece ser posta num relêvo especial, sendo inexplicável o silêncio que a seu respeito tem mantido a nossa imprensa da especialidade. É mais um dos, infelizmente vulgares, contrasensos do meio.

O empreendimento da Sociedade de Geografia corresponde a uma das maiores necessidades da causa, uma necessidade que devia de há muito ter sido resolvida pelo Estado e que jaz ainda adormecida na abafante letargia das peias burocrátias e das comissões de estudo.

Na circular em que expõe o seu projecto, a Direcção da S. de G. explica assim a sua directriz: «O objectivo dêste organismo consiste em preparar um escol de professores e instrutores de um e outro sexo, capaz de intervir eficazmente na nossa educação física e, para isso, vai ministrar uma instrução educativa que irá naturalmente contribuir para a melhoria da educação nacional.

Com efeito, enquanto o caracter do português não se modificar por meio de uma educação apropriada, nenhum dos outros problemas nacionais terá soluções senão provisórias. Impõe-se, por isso, a aplicação de uma educação integral que não pode deixar de ter por base a educação pelos exercícios físicos.»



Uma bela esquerda de Henrique Anjos, (filho), um dos melhores novos no «tennis»

Estas palavras, por si só, valem o mais vasto dos programas.

A Escola, cujo curso abrangerá dois anos de trabalho para os instrutores e quatro anos para os professores, está funcionando regularmente, com os seguintes cursos:

Educação geral, regido pelo dr. Reis Santos.
Psicologia — Dr. Faria de Vasconcelos.
Anatomia — Dr. Vítor Fontes.
Higiene geral e social — Dr. Pacheco de Miranda.
Jogos e técnica desportiva — Dr. Salazar Carreira.
Prática de ginástica educativa — Dr. Leal de Oliveira e profs. Aníbal Pinheiro e Júlio dos Santos.

É digno de registo o facto da escola englobar no seu programa um curso de técnica desportiva, reconhecendo-se assim que o desporto é a continuidade lógica e indispensável da educação física.

TORNEIOS DE «TENNIS»

O anual concurso de Cascais, com a participação de alguns bons jogadores estrangeiros, veio, como sempre, trazer-nos a dolorosa certeza do nosso escassíssimo valor nesta especialidade.

Os franceses que nos visitaram, e o já velho jogador inglês Noel Turnbull, dispuseram com a maior facilidade dos nossos «tennistas» de primeiro plano, com uma facilidade quási semelhante àquela com que dêles dispuseram os ases mundiais.

Isto estabelece para nós uma escala pouco lisongeira.

Remediar o mal não parece muito fácil, pois sempre lutaremos com a dificuldade que resulta do escasso contacto dos jogadores portugueses com os campeões dos outros países; no entanto, qualquer esfôrço tentado nêste sentido deve sobretudo visar a vulgarização do «tennis» e o estímulo aos novos. As figuras que hoje ocupam os primeiros planos do «tennis» português são insusceptíveis de progresso e o melhor esfôrço em prol da especialidade deve tender a arranjar, entre os que começam, quem possa substituí-los no mais curto praso.

É êste o grande interêsse que reveste o Torneio dos Novos, organizado pelo Club Internacional de Foot-Ball, e no qual se afirmou o valor crescente de algumas esperanças, como Henrique Anjos e José Roquete, magnificamente colhidos nos nossos instantâneos.

Quer-nos parecer, porém, que a iniciativa poderia ser utilmente completada pela Federação tentando o aperfeiçoamento atlético dêsses novos jogadores pela cultura física adequada.

Não se imagine que a ideia é minha; está sendo praticada em Paris, no Racing, por iniciativa de Charles Boussus, quarto jogador da França e o novo em que maiores esperanças depositam os seus compatriotas. A seu convite reüniram-se num curso de ginástica todos os rapazes amadores do «tennis», procurando valorizar a sua habilidade natural com um estôfo atlético hoje indispensável à prática dêste jôgo.

Em Portugal tem havido «tennistas» habilidosos, nunca os houve atletas; porque se não experimenta ligar os dois factores?

OS JOGOS DE INVERNO

O campeonato de Lisboa de «foot-ball» tem sido êste ano assinalado pelos sucessivos desaires do Bemfica, campeão nacional na época passada, e dos últimos classificados no presente torneio regional.

O Belenenses apresenta-se em excelentes condições de conservar o título que detém, invicto até ao presente, e apenas o Sporting, cuja forma parece melhorar domingo para domingo, pode conservar alguma esperança de assustar o campeão de Lisboa.

O Portugal-Espanha, disputado ontem sem a colaboração dos jogadores lisboetas em virtude da antipática revindicta da A. F. L., causada pelo conflito com a Federação, deve ter sido para nós um seguro meio de apreciação do valor do «foot-ball» provinciano, a comparar com o evidente declínio do jôgo da capital. Na próxima crónica analisaremos devidamente a grande competição ibérica.

O campeonato de «baskett» segue também o seu caminho, sendo neste jôgo evidente o progresso em técnica e em divulgação. O número de colectividades praticantes aumenta constantemente, e numeroso público assiste aos jogos das primeiras categorias.

O Barreirense, campeão de 1929, e o Probidade, campeão de 1930, seguem à frente da classificação parecendo deverem dirimir entre si a supremacia final, com possível vantagem do primeiro.

SALAZAR CARREIRA

Uma bela cabeça do defesa do Casa Pia, Heitor, no jôgo em que êste club empatou com o Bemfica

Uma fase do encontro em que o campeão de Lisboa em «baskett-ball», Probidade A. C., venceu o Bemfica

Como o avançado centro do Sporting marcou ao União o 4.º «goal», no jôgo do Campeonato de Lisboa

LIVRO DOS BRAZÕES DE ARMAS de PORTUGAL

TABOA DÉCIMA SEXTA

BARBUDO — Em campo de oiro cinco estrêlas de seis pontas de vermelho postas em sautor.

TIMBRE: Dois braços de leão de vermelho postos em aspa, encimados por uma estrêla do escudo, o braço da direita tendo na mão outra estrêla do escudo.

D'or, à cinq étoiles de six rais de gueules, posées en sautoir.

CIMIER: *Deux bras de lion de gueules, passés en sautoir; surmontés d'une étoile de l'écu; celui de la dextre tenant dans sa main une autre étoile de l'écu.*

BARBUDO *(2.º ramo)* — Em campo de oiro, cinco estrêlas de seis pontas de vermelho, postas em sautor; e bordadura de azul.

TIMBRE: O mesmo do primeiro ramo.

D'or, à cinq étoiles à six rais de gueules, posées en sautoir; à la bordure d'azur.

CIMIER: *Celui de la premiére branche.*

BARDI — Em campo de oiro, doze fuselas de vermelho, unidas e alinhadas em banda, e um unicórnio do mesmo trepando sôbre elas.

TIMBRE: Um unicórnio de vermelho, sainte.

D'or, à douze fusées de gueules accolées et rangées en bande, et à une licorne du même, grimpant sur les fusées.

CIMIER — *Une licorne de gueules, issante.*

BAREJOLA — Em campo verde, quatro lisonjas de oiro unidas e alinhadas em pala, ladeadas de seis flores de liz de oiro, três de cada lado, também alinhadas em pala.

TIMBRE — Uma aspa de verde carregada de quatro lisonjas uma em cada ponta e uma flor de liz ao centro, tudo de oiro.

De sinople à quatre losanges d'or accolées et rangées en pale, accostées de six fleurs-de-lis du même, trois à chaque coté, aussi rangées en pale.

CIMIER — *Un sautoir de sinople, chargé de quatre losanges une en chaque extrémité et une fleur-de-lis au centre, le tout d'or.*

BARRADAS — Em campo azul uma cruz de prata cantonada de vinte vieiras de oiro realçadas de vermelho; cinco em cada cantão postas em sautor.

TIMBRE — Dois troncos esgalhados, de oiro, passados em aspa, encimados por uma vieira do escudo, e quatro vieiras pendentes uma em cada extremidade dos troncos.

D'azur à la croix d'argent, cantonnée de vingt coquilles d'or rehaussées de gueules, cinq dans chaque canton posées en sautoir.

CIMIER — *Deux troncs écotés d'or, passés en sautoir, surmontés d'une coquille de l'écu, et quatre autres coquilles pendant des bouts des écots.*

BARREGANO — Em campo de oiro uma árvore de verde, e o corpo de um guerreiro jazendo adiante da árvore com dois corvos de negro poisados um na cabeça outro nos pés, com as asas erguidas e afrontados.

D'or, à un arbre de sinople, et un corps de guerrier gisant devant l'arbre avec deux corbeaux de sable perchés, un sur la tête et l'autre sur les pieds, essorants et affrontés.

BARREIRA — Em campo de ... um penhasco encimado por uma cruz alta (esmaltes desconhecidos).

De ... à un rocher surmonté d'une croix haussée.

BARRETO — Um campo de arminhos, pleno.

TIMBRE — Um busto de mulher, vestido de arminhos e os cabelos soltos, de oiro.

D'hermine, plein.

CIMIER — *Un buste de femme, vêtu d'hermine, ses cheveux épars, d'or.*

BARRETO (de GOMES MENDES) — Em campo de prata dezoito pontos de arminho de negro 4, 4, 4, 4 e 2.

TIMBRE — O mesmo do escudo anterior.

D'argent, à dixhuit mouchetures d'hermine de sable, posées 4, 4, 4, 4 et 2.

CIMIER — *Celui de l'écu antericur.*

BARRIGA — Em campo vermelho, um castelo de três tôrres de prata, encimado por uma bandeira do mesmo carregada com a cruz de Cristo, o castelo firmado sôbre uma rocha de prata, sainte de um mar ondado de prata e azul, em ponta.

TIMBRE — O castelo do escudo.

De gueules à un chateau d'argent, donjonné de trois tourelles, surmonté d'un drapeau du même chargé de la croix du Christ, le chateau firmé sur un rocher d'argent issant d'une mer ondée d'argent et azur, en pointe.

CIMIER — *Le chateau de l'écu.*

BARROS — Em campo vermelho, três bandas de prata acompanhadas de nove estrêlas de seis pontas, de oiro, 1, 3, 3 e 2.

TIMBRE — Dois bastões em aspa um de vermelho e o outro de azul, carregados de cinco estrêlas do escudo.

De gueules à trois bandes d'argent, acompagnées de neufs étoiles à six rais, d'or, posées 1, 3, 3 et 2.

CIMIER — *Deux batons passés en sautoir l'un de gueules et l'autre d'azur, chargés de cinq étoiles de l'écu.*

BARROSO *(antigo)* — Em campo vermelho, cinco leões de prata postos em sautor.

TIMBRE — Um leão do escudo.

De gueules, à cinq lionceaux d'argent, posés en sautoir.

CIMIER — *Un lion d'argent.*

DIAS VERMELHOS

MEMORIAS DUMA TESTEMUNHA PRESENCIAL DA GRANDE REVOLUÇÃO BRAZILEIRA

A revolta das tropas da guarnição do Rio de Janeiro pôs um têrmo imprevisto à guerra civil.

Combatia-se no Norte com êxito para os revolucionários, conduzidos à vitória pelo heroico Juarez Távora. Iam levados de vencida os Mineiros que as fôrças do Govêrno empurraram impetuosamente até além do espigão da Serra da Mantigueira.

Nos limites do sul e noroeste de São Paulo fortificavam-se, como na guerra da Europa, os dois mais fortes contendores — gaúchos e paulistas.

Ia ser uma guerra de alguns anos, pois nem governistas nem revoltados, de armas na mão, eram gente para se aquietar com meia dúzia de tiros ou virem às bôas reconsiderando o mal e a vergonha das lutas fratricidas.

Cada partido tinha a sua ideia, a concepção política da Pátria, e não fôssem convencê-los de qualquer transigência pois corria o risco de ser enfileirado na legião adversária.

Havia ainda uma maior diferença, que daria no fim a vitória aos que hoje lhe conhecem os momentos gloriosos: os revoltados, democratas, convictos, vinham êles mesmos para o campo da batalha dar a vida pela democracia.

Os do Govêrno, oligarcas, mandaram os seus subditos defender uma insaciável e desmoralizada oligarquia, detentora do Poder desde o Império, enfraquecida pelo gôso das muitas regalias que a hereditariedade lhes garantia. Êstes ficaram em São Paulo, Rio e Salvador, agarrados aos *maples* dos palácios, recebendo pelo rádio e telefone as notícias da situação e dos arranços patrióticos da sua guarda pretoriana.

Uns, animava-os a fé patriótica de tiranizados. Outros obedeciam à ordem de chefes que todos os jornais diàriamente acusavam das maiores faltas de escrúpulo, absoluto desprêso pelos interêsses do povo e constantes atentados contra a Liberdade.

Ainda assim as coisas estiveram bem feias porque os descendentes dos bandeirantes, os paulistas, não são de molde a consentir que a milícia doutros Estados lhes invada o território e defender-se-iam como leões na fronteira do Paraná se o *complot* dos generais não houvesse depôsto o Poder Central, prendendo o dr. Washington Luís na fortaleza de Copacabana.

Na manhã de sexta-feira, 24 de Outubro, soube-se em São Paulo da revolta do Rio de Janeiro.

Logo uma multidão de gente de tôdas as classes encheu as ruas da City dando vivas à Revolução. As casas comerciais corriam apressadas as portas de aço e pessoas mais tímidas fugiam para os *bondes* ou automóveis de praça.

A polícia tenta dispersar os magotes de povo que surgem por todos os lados como sapos nas primeiras chuvas de Junho.

O sargento Granja do 13.º regimento de infantaria de Ponta Grossa, Paraná, figura popular da revolução, à chegada a São Paulo

São inúteis os bons modos, as ameaças, as violências. A onda vai crescendo sempre, toma a rua inteira, os passeios, o vão das portadas e absorve, mistura, confunde a tropa com a populaça, o homem de colarinho gomado com o *moleque* descalço, sem gravata e sem casaco.

Donde veio tanta gente de tão diversas fisionomias?!

O preto retinto, só olhos luzentes, dentes de procelana e língua vermelha como blasfémia bolchevique contra o egoïsmo burguês; o louro do Norte, alto, musculado, marinha de *fiord* no olhar bondoso; o oriental de queixos felinos e sobrancelha ponteaguada que quer açambarcar o mundo com as suas pernas em arco; o mestiço bronzeado, nervoso e insolente que trás no olhar a raiva contra os de raça pura; o pele-vermelha esbelto, anguloso, ainda desconhecedor de tudo que nós lhe vimos oferecendo há quinhentos anos; o neo-latino inquieto, sensual e poeta que arrasta a multidão, que a entusiasma aos berros em todos os idiomas e gestos de maior eloqüência que o rufar dum tambor — tôda essa amalgama desvairada, ululante, espumando, ruje como a procela e cresce e oscila que nem vaga na maré alta.

Eu vou seguindo, tranzido de pavor como Dante, êste Inferno de imprecações e atitudes.

Quero fixar um detalhe que me sufoca a respiração pelo assombro do seu imprevisto, mas logo outro me desorienta e aturde.

Já não posso fugir. Já sou, também, electrizado, pela malta que ulula, que corre, que acorda aflita de terrível pesadêlo.

E é assim que, sem saber por onde seguir, às vezes suspenso entre a multidão que rua mais estreita obrigou a comprimir-se, venho a ficar, quási esmagado de encontro a um candieiro, em frente ao jornal *A Gazeta*, o órgão do Govêrno mais assanhado contra os revolucionários. Ali me páro, pouco senhor de mim, até às vezes receoso de que me tomem por *perrepista* (1) tanto se deve notar no meu semblante atormentado, a tristesa que sinto vendo a infâmia das depredações que se cometem e a gargalhada, os gritos e palmas com que a turba-multa aplaude os estragos que martelos, paus, picaretas, pedradas, ferros, vão fazendo nos maquinismos.

Bandeiras vermelhas, lenços da mesma côr, símbolos da Revolução, agitam-se no ar, sobem nos mastros partidos que garotos atrevidos foram desprender das sacadas mais baixas. Das janelas do prédio de *A Gazeta* chovem para a rua, onde há um círculo de

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

(1) Do partido do govêrno depôsto.

Montões de destroços das casas saqueadas, pejando a rua do Carmo, em São Paulo

povo, os objectos mais diversos da imprensa moderna — máquinas de ampliar, mesas da rotogravura, cilindros de cobre, bobines de papel, caríssimas linotipos, caixotins, latas de tinta, máquinas de escrever, arquivos de aço, ficheiros americanos, peças de rotativas, espelhos, grandes cristais fôscos, moldes, secretárias, cadeiras estofadas e uma imensa papelada da administração que representa anos e anos de organização e muito esfôrço e muitíssimo dinheiro.

Mas sabe lá o povo faminto, escarnecido, o que é que esta engrenagem podia representar para seu benefício?... Êle só conhece o mal que lhe causou, as traições e mentiras de que fôra porta-voz, a arrogância da prosa governamental, a indiferença pela sua miséria e as prégações que, como *grande imprensa*, se permitia em nome da Ordem, induzindo ao ódio, aconselhando violências contra os adversários, defendendo os ricos, os seus abusos, a ganância dos *trusts*, a prepotência das autoridades, louvando a tirania, escarnecendo a Liberdade. Como evitar a vingança?!

A justiça seria rude como o seu feitio caldeado em todos os sofrimentos, mas era justiça afinal!

Já existe no chão um grande monte de coisas partidas, móveis e bocados de ferro, apetrechos de cosinha e tapetes de salão, quadros, livros, gravuras. Uma lata de gasolina borrifa, como rito religioso, o monturo, com os aplausos frenéticos dos milhares de assistentes.

Fujam! Fujam!

E a mole imensa possuída de pânico desarvora numa gritaria ensurdecedora deixando na rua parte da sua indumentária.

Sente-se um estampido medonho como de granada que rebentasse naquêle momento em plena rua. Foi a banheira que, de bôca para baixo, veio do quarto andar estatelar-se no lagedo. Também engrossou a fogueira!

A onda humana refaz-se, cria ânimo e volta mais feroz, mais desvairada.

Línguas de fôgo separadas por fumo escuro que sobe em curvas de chicote põem reflexos avermelhados na cara oleosa dos atiçadores do brazido que vai tisnando e fendendo as guias de granito dos passeios. De cima iam caíndo sempre coisas e fôlhas de papel voavam chamuscadas para muito alto, outras o vento e o calor as impeliam até à frontaria do Convento.

Quando alguém procurava salvar do incêndio qualquer pedaço de destroços era insultado, zurzido, apupado: *é tudo para queimar. Vão desaparecer duma vez para sempre todos os arautos da opressão!* — sentenciava um italiano por certo fugido à sanha fascista.

Novas gargalhadas, assobios, outra ondulação brusca na multidão. Agora é um piano de cauda que aponta na sacada arrastado por homens que se esfalfam, retezam os músculos e empurram o monstro renitente ao suplício. Um mais decidido, mete-se-lhe por baixo, mãos nos joelhos e com as costas dobradas empurra para o alto. A caixa empina-se, dá uma cabriola, bate no grande relógio da frontaria, abre-se, fica em dois bocados e dêstes, um dêles vai fazer habilidades no fio do *troley!*

Um mulato, aos bordos, surdo dos avisos da turba passa por baixo naquêle instante e o cordoame cai-lhe na cabeça, derreia-o, envolve-o com muitas espirais e deixa-o prostrado aos berros, aos sacões, ensangüentado, como fera caída na armadilha.

E o povo ri impiedoso, gosando o imprevisto da caçada sem se lembrar que a fogueira pode tornar a vítima pronta para o festim canibalesco!

Quem sabe se não seria um simbolismo digno de repetir-se! Os mais corajosos arrastam o pobre homem para longe do fogo, desenleiam-o desfalecido e levam-no até uma ambulância bloqueada pela massa compacta de gente no cimo da rua Labero Badaró.

A fogueira era agora mais branda e a multidão tomava fôlgo para outras investidas.

— Ao *Correio Paulistano!* Ao *Correio Paulistano*, ao *São Paulo Jornal!* À *Fôlha da Manhã!*

Tinha terminado o primeiro *auto de fé*. Do brazido, um cofre pôsto ao rubro torcia-se dolorosamente arreganhando a bôca avara que vomitava alguns rôlos de moedas.

A vaga humana começa a agitar-se e escôa-se na avenida, subindo a ladeira, para muitas outras depredações. Só a noite dispersa aquela gente insubmissa e desvairada e implacável que por umas horas se assenhoreou da cidade.

II

No sábado, 25 de Outubro, a cidade acordou tarde, ainda estremunhada daquêle longo pesadêlo que a possuira todo o dia anterior.

Mesmo das fogueiras que se espalhavam na parte central só restavam tições e uma cinza escura que a garôa (1) ensopava e se prendia aos pés sujando os passeios e as lojas.

(1) Orvalho equatorial.

Ao que ficou reduzida *A Gazeta* de São Paulo, depois dos assaltos de 24 e 25 de Outubro

O *pessoal* (1) metia pelo Triângulo, chilreador como bando de pássaros, alegre, sorridente num último olhar ao caixeiro que viera em amorosa companhia até ao *atelier*. E as matronas sizudas empurravam os basbaques, trouxa ao dependuro, caminho do mercado ou algum ataviamento para biscatos na maré de folga.

Duma porta para outra passava-se o jornal que trazia melhor reportagem dos acontecimentos do Rio ,diziam-se novidades, comentava-se com entusiasmo e muita satisfação o desfecho da guerra civil.

Até as casas de jóias enfeitaram as montras com riquezas deslumbrantes, pedras que são fortunas, baixelas para milionários, jóias que a gente só vê nas cocotes e pensa sempre que se não são falsas levaram alguém à ruïna.

Ao longe ouvia-se um tropel que ía subindo e parecia tempestade. Grupos na rua falavam alto, gesticulavam, exaltavam-se provocando ligeiros conflitos, aplanados logo entre imprecações de cocheiro e abraços fraternais.

— Aí veem os gaúchos! Aí veem os gaúchos! — e tudo corria para os lados da Sé à espera da celebrada cavalaria do guerrilheiro Flôres da Cunha...

Nem um polícia. Só os *grilos* (2), nos postos luminosos, abriam e fechavam o sinal com um automatismo de engrenagem ferrugenta.

Uma bandeira vermelha e um grande letreiro preto sôbre larga faixa branca apontaram numa das ruas do segundo perímetro urbano. Grande quantidade de gente empunhava palmas enormes enfeitadas com os retratos dos caudilhos revolucionários. No meio um caixão de terceira e a estudantada ao redor entoando o *De profundis*.

Era o entêrro da *Legalidade!*

Aos rapazes juntou-se povo e também a canalhada dos jornais e a ralé que surge dos cortiços (1) e se alimenta de fome, vestindo remendos miseráveis.

O acompanhamento foi engrossando, foi crescendo e derivando da brincadeira dos rapazes para manifestação revolucionária.

Da gargalhada passou-se ao grito subversivo, ao clamor: Morram os *perrepistas!* Morra o *jôgo do bicho!* Morram os clubes de jôgo!

Amedrontado, o comércio começou a fechar as portas, correndo taipais, levando para dentro do balcão o que estava expôsto até fóra da casa.

Um popular arrancou com violência o cartaz encostado ao passeio com grandes números da «sorte grande».

Foi o rastilho. Logo outros jogaram pedras fazendo telintar os cristais dos balcões e invadiram de supetão a *Preferida, Vale Quem Tem, Centro Lotérico*, tôdas as baiucas e lojas luxuosas onde se *bancava* o bicho e compravam bilhetes de loteria, que eram centenas, nos melhores pontos comerciais.

Uma razia completa! e com tamanha fúria que as portas de ferro, as paredes, as divisões eram arrancadas, fendidas, destroçadas e atiradas para a rua. Depois o fogo lambia tudo, acelerado por petróleo ou gasolina. Não escaparam móveis, cofres, dinheiro. Daí aos grandes clubes que tinham concessão para a batota foi um abrir e fechar de olhos, com as mesmas scenas de destruïção do dia anterior agravadas por roubos de escritórios e outros abusos lamentáveis. Acudiram os bombeiros e a Guarda. Teve que haver tiros, pranchada, água das mangueiras, pois a matulagem já se ensaiava para fazer uma limpesa nos Bancos!

Nunca mais a cidade presenceará êste bárbaro espectáculo que ameaçava destruí-la, saqueá-la, se não se *inventa* um Govêrno que ràpidamente, violentamente mesmo, restabeleceu os direitos de propriedade.

Só na rua 15 de Novembro, que tem uns 350 metros e é das mais comerciais de São Paulo, contei oito grandes fogueiras que devoravam tudo quanto eram móveis e utensílios de comércio! Mas que S. João fóra de tempo!... Os garotos, em volta, batiam palmas e dansavam. E quando chegavam as bombas ajudavam, penalizados, a estender as mangueiras.

Gente aflita corria a meter-se nas portas que ainda estavam abertas — mulheres com crianças que choravam, pessoas idosas que o mêdo obrigava a desembaraçar, môças pálidas que tremiam de susto receando violências, uma bala perdida, a soldadesca invasora.

Levantam-se trincheiras na embocadura das ruas, a cavalaria chouteia no asfalto e

O incêndio de uma casa de loterias de São Paulo depois dos assaltos de 24 de Outubro

(1) Nome genérico dado às costureiras, dactilógrafas, empregaditas de balcão, etc.

(2) Polícia de trânsito.

Um aspecto flagrante do assalto à *Gazeta*, cujo edifício ficou destruído

(1) Casas da *Favela*, feitas com tábuas dos caixotões que foram da embalagem de automóveis ou grandes máquinas. Favela — bairro pobre, fóra do perímetro urbano.

as balas fungam quando a trajectória é de ricochete.

Um cavalo partira as pernas na rua de São Bento e ali fica em tentativas inúteis para se erguer; dando com a cabeça na guia do passeio, os ossos da mão suspensos pelos tendões fóra da pele. Ofegante, cansado, ainda relincha para que lhe acudam num desespêro de agonia. Passa um cavalariano de carabina apoiada no cepinho e olhando o mísero, mete-lhe, condoído, uma bala no peito. Êle levanta o pescoço, olha espantado a morte, e deixa caír a cabeça para trás, bôca aberta e narinas escorrendo sangue.

À frente um popular, quando atravessa, recebe uma rajada de balas que o fêz rodar, desiquilibrado, nos calcanhares, e o tomba de bôrco no meio fio sem dizer ai! Jesus.

Outro vem de rastos e pucha-lhe por uma perna para o levar de zôrro até à viela onde o *bloco* (1) se aninhara.

Té té, té té! Té té! — duas grandes bandeiras da Cruz Vermelha numa maca automóvel arrebanhando os feridos.

O Triângulo está deserto, silencioso, mas a Avenida do Brás é um mar de cabeças onde a tropa não penetra, e para os outros lados o alarido indica que alastrou o desvairo contaminando os bairros de moradia. Fico-me indeciso, apavorado da tragédia, e tão colado ao umbral duma loja que sobra um palmo no desvão! Salva-me dêste emparedamento uma patrulha que passa e sigo às carreiras. Do Centro galgo ligeiro as ruas transversais e enfio-me, a suar, pelo parque Anhangabahu, até além do Viaduto do Chá.

Numa mouta de arbustos, abrigam-se como perdizes nas chuvaradas outaniças algumas mulheres que me gritam: *esconda-se aqui! esconda-se aqui, tiozinho!*

Era vergonha dar tanta ideia de mêdo diante do sexo fraco. E quando o instinto me encaminhava para lá, ainda pude reagir e segui. Mas mais adiante — vocês que algum dia se viram nestes apêrtos hão-de perceber! — fui derrear-me atrás dum banco de cimento armado onde já se acachapava outro *têso* como eu!... Ao tropel de muitos cavalos deitei a cabeça de fóra e tomei alturas, ouvido tão afinado e olhar mais penetrante que o dos bichos do mato.

Só então dei conta que tinha perdido o chapéu e que na máquina fotográfica ainda havia uma película.

— Bôa desculpa, sim, senhor! — a máquina fotográfica... Pois está visto que um fotógrafo que se présa, nestas ocasiões não usa chapéu!! Muito afoito com aquêle passaporte que me diria repórter de qualquer jornal, rumei para o armazem da Companhia Sousa Cruz no coração dos antigos campos de Piratininga.

*

* *

Os gaúchos! Os gaúchos!

E a multidão delira, bate as palmas, deita flôres, sorri, vitoriando os homens do Sul.

São primeiro os *farroupilhas* (1) de Flôres da Cunha, guarda avançada da coluna do general Miguel Costa com os *pingos* (2) arreados à moda argentina, *bombachas* (3) de muitas côres e *poncho* (4) quási arrastando, pé descalço, enorme espora chilena que telinta na calçada. Metem só o dedo grande no estribo, e na cela coberta de pele de carneiro não falta o burnal de fran-

Povo e militares confraternizando nas ruas

jas de couro nem o laço do *cow-boy*. A blusa é por dentro das calças que a *guayaca* (5) cinge na altura dos rins. Dela suspendem as *garruchas* (6) e o facão e as balas enfiadas em rosário. *Stick* prêso ao pulso, lenço vermelho no pescoço e chapeirão de aba larga voltada para cima na frente — aí está a indumentária do homem do campo do Rio Grande — o peão — que sem clavinote traçado nas costas é como tange a boiada durante o ano inteiro. Altos, ora mesclados de índio e são bronzeados, ora louros de descendência alemã, ora aquilinos como castelhanos, às vezes quási pardos, todos olham à direita e se inquietam por o casario lhes tapar o horizonte largo que a pampa marca na linha contínua e ensagüentada do longínquo poente.

Leio-lhes o espanto desta confusão de ruas, dos arranha-céus, das mulheres que cobiçam o seu corpo forte de triunfadores com momices tão provocantes que lhes ageitam a grande capa na garupa do ginete para um rapto à ponta do laço.

Anda de bôca em bôca que fizeram coisa mais difícil: «numa carga contra as linhas das tropas *legalistas* laçaram as metralhadoras!»

Veem depois os lanceiros das «tropas de cobertura» uniforme de campanha como soldados europeus, só as botas serem enfoladas e o cabo dum punhal encafiado entre o calção e o cano. Belíssimos cavalos, nervosos e ágeis que nem os cavaleiros, empinam-se, ora provocados pelos acicates que os fazem sangrar na ilharga, ora assustados das manifestações do povo.

As raparigas atiram promessas e beijos descompondo aquêle ar marcial da tropa de linha, sendo que os mais disciplinados apenas correspondem com o olhar que tem fulgurações de lâmina de punhal e vai direito ao coração das novas sabinas embriagadas da bravura lendária dêsses *tabareus*.

Depois a infanteria montada, as metralhadoras, a artilharia de campanha, a bandeira do Rio Grande marchando logo atrás o velho general Isidoro Dias Lopes com luzido e numeroso Estado Maior. Êle é o grande ídolo do povo humilde, das mães que, recordando a sua acção protectora na revolta de 924, agradecem agora, ovacionando-o comovedoramente. Levantando os filhitos nos braços dizem-lhes apenas: «Aquêle é o nosso Isidoro» — e rompendo o cordão da polícia vão direitas ao chefe revolucionário e querem beijar-lhe a mão que êle retira num gesto suave de apóstolo.

Seguem-se regimentos de infantaria, bandas de música, pelotões com moços corpulentos, unidades de engenharia, a artilharia pesada onde vem um gigante preto de tamanhas proporções que até cuidei ser um canhão a que a apoteose houvesse emprestado movimento e feições humanas! E cozinhas de campanha a fumegar e ambulâncias, transportes em viaturas de tôdas as épocas, Cruz Vermelha, tudo dum exército de hoje mas com os tipos tão diferentes de homens e costumes que eu penso serem ainda aquelas as tropas com que Aníbal invadiu a Itália...

São Paulo, Outubro de 1930.

S. P

(1) Grupo carnavalesco.

(1) Tropas irregulares, célebres desde a revolta de Bento Gonçalves que há um século implantou a República do Rio Grande.
(2) Cavalos.
(3) Calças muito largas que apertam no tornozelo.
(4) Capa larga e comprida.
(5) Cinturão de couro, largo, com enfeites.
(6) Pistolas.

INVERNO

FOTO DE ARTE DO INSIGNE AMADOR JOÃO MARTINS

A VIRGEM DA CONCEIÇÃO PADROEIRA DE PORTUGAL

À memória saüdosa do Engenheiro Mário Lopes — Amigo de infância.

Não é possível, em boa hora, aquilatar a preclara história portuguesa sem se advertir na firme aliança do sentimento patriótico e do religioso, exprimido êste, com relêvo de maior, no culto de Nossa Senhora da Conceição, o qual, tanto se arreigou e vicejou nos corações portucalenses, de tal modo aquinhôa da nossa vida, podemos havê-lo como dos elementos mais característicos da estrutura moral lusitana.

Decerto, do seu privilégio não se jacta o povo português; no entanto, poderá ufanar-se, talvez, do primado da inclinação pelo menos, visto que já nos priscos tempos do condado portucalense, nos tempos grandevos dos séculos X e XI, ostentosamente o manifestavamos, como o demonstram os chamadoiros de Civitas Sanctae Mariae, aplicado à Vila da Feira, e de Terra de Santa Maria, próprio da circunscrição territorial ao redor daquela, segundo se lê na *Terra de Santa Maria* do dr. Aguiar Cardoso (in *O Instituto*, vols. 77 e 78), e mais o de Civitas Virginis, com gentil espírito concedido ao Pôrto pela animosa mesnada de Múnio Viegas, seu libertador e repovoador.

Ao instituir seus paços em Guimarães, converteu o conde D. Henrique a igreja de Nossa Senhora (que só nos meados de trezentos recebeu o qualificativo da Oliveira, após o milagrento facto acontecido com essa árvore, no adro plantada) em capela real, como nos informa o reverendo Gaspar Estaço nas *Varias Antiguidades de Portugal*, o que, é óbvio, implicava o aceitamento de Maria Santíssima como padroeira sua e do condado, em cujo acto se inspiraria depois a cidade ao entregar-se à mesma protecção, de que nos dá conta o respectivo brazão.

De Santa Maria de Braga era mui devota a raínha Dona Tareja, por isso lhe doou vários coutos circumjacentes — conforme o testemunho do padre Senna Freitas nas *Memórias de Braga*.

Mantiveram Afonso Henriques e Sancho I a categoria outorgada pelo pai e avô à igreja vimaranense — assim, fôrra da jurisdição arquiepiscopal de Braga — com o que não só patenteavam a devoção tributada à Virgem como a nacionalizavam, atento o realce ganho entre as demais santólatrias subsistentes.

Talvez no ânimo de D. João IV tenha influido esta atitude de Afonso Henriques para, no seu diploma proclamatório da Virgem da Conceição como padroeira do reino, dizer que, por virtude do Conquistador ter tomado como especial advogada sua a Virgem Mãe de Deus e de lhe ter cometido a guarda do reino e de seus sucessores e vassalos, quisera imitá-lo em seu santo zêlo, assim como o voto do mesmo feito a S. Bernardo, nas vésperas do assalto de Santarém (afinal, ainda não provado), determinou, possìvelmente, o conde da Ericeira a afirmar que êle recebera Nossa Senhora de Claraval como padroeira dos seus domínios. Todavia, ambas atestações padecem de inexactidão, sem que deixe de ser verdadeiro o culto manifesto de Afonso Henriques por Nossa Senhora.

Profícuos são sempre os bons exemplos, mòrmente quando partem de cima. Nêste caso, porém, não foram êles causa da predilecção látrica por Maria Santíssima, conquanto a hajam vigorizado grandemente, pois estava já radicada e medrada na alma lusa, do que dão segurá prova os factos seguintes: o fervor da generalização do nome Maria (a partir do século XIV, sobretudo) nos baptismos, nas invocações de capelas, igrejas e corporações sociais, nas exclamações de surpresa e dôr (Santa Maria, acudi-me, valei-nos, Nossa Senhora te valha, Santa Maria, já sois chegado!); a colocação de Sua imagem nos brazões de cidades e vilas (Pôrto, Braga, Guimarães, Faro, Vila Viçosa, Corunche); as preces ofertadas à Virgem Mãe de Deus pelo povo lisboeta, na véspera de Aljubarrota, para socorrer as hostes portuguesas, o qual, no-lo relata Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*, constantemente recheava as igrejas; o canto, em Completas, da Salvé Raínha, ordenado no século XIII pelos bispos de Coimbra e do Pôrto, segundo nos esclarece na *História da Igreja em Portugal* o dr. Fortunato de Almeida, e em 1332 pelo bispo de Lamêgo, D. Salvador Martins.

Justo é dizer, porém, que a consagração do culto de Maria estava difundida nos séculos de trezentos e quatrocentos entre todos os povos católicos — embora em *O culto da Imaculada*, com feroz e rígido criticismo racionalista, assevere Heliodoro Salgado que não é de origem cristã, antes deriva de religiões anteriores ao cristianismo, o qual o assimilou ou por inconsciente impulso adquirido ou por vantagem de propaganda — e que avondo se desenvolveu nos seguintes, tendo inspirado tantos artistas e tão ardorosamente que se pode haver a figura da Virgem como a de mór representação na iconografia cristã.

Desde as virgens bisantinas ditas de S. Lucas às madonas de Hébert o Romano, singularmente executadas no 3.º quartel do século XIX, que grandiosa profusão de excelentes obras de arte, que gloriosa e ampla galeria de maravilhas coloridas e esculpidas! De entre elas, como não destacar as dos mestres italianos do 13.º ao 15.º século (Lorenzetti, Giotto, Cimabue, Dei Landi, Lippi, Fra Angelico, Credi, Girllandajo, Boticelli, Lorenzo Veneziano, Bellini, Mantegna, Baldovinetti e Conegliano), as dos que ilustraram o período de quinhentos ao oitocentos (Vinci, Corregio, Andrea del Sarto, Pedro de Cortona, Giordano, Rafael, que pintou mais de quarenta madonas, Perugino e Ticiano), as dos mestres espanhois (Goya, Ribera, Murillo, o autor da mística graça da Imaculada Conceição, Velazquez, Zurbaran e Herrera o moço), as dos alemães (Giltlinger, Durer e os dois Holbein) e as dos flamengos (Jan van Eick, Der Weyden, Dirk Bouts, Memling, Gérard David, Metsys, Van Dick e Rubens), assim como as dos franceses dos séculos XVII (Mignard, La Hyre e La Sueur), e as dos portugueses Sanches Coelho, Grão Vasco e Frei Carlos (do séc. XVII, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, Pedro Alexandrino e Machado de Castro), sem deslembrança das encantadoras figuras de terra-cota envernizada de Lucca della Robia e das severas esculturas das catedrais de Chartres, Reims e Strasburgo!

Mas êste carinhoso e profundo culto de Maria Santíssima, que tanto comocionou o medievalismo — *o período heróico das grandes sementeiras dum mundo novo*, na opinião do ilus-

A Virgem e o Menino, de Andréa Mantegna

tre patriarca de Lisboa, *l'âge héroïque de la société chrétienne*, como criteriosamente a julgou Montalembert e de que não discordou o íntegro e sapiente espírito de Latino Coelho, embora tal pese aos passadores de ideias e frases feitas, aos campeões das novidades balôfas, das sabenças de outiva e dos apriorismos falhos de bom-senso e de estudo — não só inspirou os artistas plásticos como os da harmonia das palavras, os poetas, pois só poetas e dos de melhor timbre seriam capazes de compôr a tão bela quão maviosa, tão majestosa quão singela, plegária da Salvé Raínha e da leníssima saüdação da Avé Maria, impregnada de ingénuo simbolismo. Ignora-se o autor e a época daquela, e por isso se atribui, quer a Herman Contralto, beneditino do século XI, quer a Pedro de Moson, bispo de Compostela no 11.º século, quer a Amiard de Monteil, bispo de Puy, morto em 1098, quer, até, a S. Bernardo, que tal sucede em casos duvidosos. Todavia, é certo não caber ao fundador da regra de Cistér a honrosa paternidade, conquanto, ao ouvir cantar na igreja de Spira a antífona de Puy, lhe tivesse aditado os vocativos *o clemens, ó pia, o dulcis Virgo Maria*. Em 1238 ordenou Gregório IX que se rezasse nas igrejas de todo o orbe católico. Das suas variantes, a mais perfeita é a dos trapistas. Dum modo geral, todavia, a beleza desta antífona inspirou poetas e músicos; dêstes, avulta Pergolesi, cuja peça, admirável melodia, iguala os primores da Stabat Máter; dos outros, cabe citar os nomes ilustres dos portugueses Baltazar Dias (séc. XVI), Gregório Matos, o Bôca do Inferno (séc. XVIII), Bocage, Quita, Palmeirim, João de Deus e Tomás Ribeiro. Compõe-se a Avé Maria de três partes, representativas, respectivamente, das palavras do anjo Gabriel na Anunciação, da saüdação de Santa Isabel, mãe do Baptista, à Virgem, e da invocação a Santa Maria, as quais derivam da liturgia de S. Tiago Menor, do antifonário de S. Gregório Magno e do concílio d'Efeso (431). Só no século XVI, por ordem de Pio V, foi incorporada na série das orações públicas. Também homenagem souberam prestar do seu encanto os poetas, como Gil Vicente, Júlio Castilho, Francisco Palha, Serpa Pimentel, Tomás Ribeiro, Eugénio Castro, e músicos, tais como Carafa, Verdi, Gounod.

Saüdação não menos piedosa e gentil é a dos toques litúrgicos de cada dia, com os quais, nos elucida Maynard em *La Sainte Vierge*, Maria é proclamada ao alvorecer como a eterna aurora do mundo, ao meio-dia, como o Sol da Igreja e como padrão de tôda a beleza, no crepúsculo. Instituíu-a o papa João XXII, em 1327, embora tenha raízes remotas.

Deviam os sinos das igrejas, ao perder-se o sol no poente, picar três badaladas três vezes seguidas, correspondendo a cada tangimento a recitação de três Avé Marias, o que em Portugal concorreu para dessa guisa ser denominada. Depois, em 1344, preceituou o concílio de Paris seu geral e rigoroso cumprimento, e em 1423 estipulou o de Colónia que se efectivasse também ao meio-dia das sextas-feiras, cuja determinança Calixto III, em 1455, estatuíu para todos os dias. Entendeu Luís XI que ficava incompleta e por isso a ampliou para cada manhã, tendo sancionado a Igreja tal ordenamento.

Piamente assevera o douto Gaspar Estaço que com o ajudadouro de Nossa Senhora da Oliveira ganhou D. João I a batalha de Aljubarrota, assim demonstrando a bemdita Senhora que era patrona da real corôa de Portugal, como dela fôra fundadora. Se é ingénua e devota a proposição, não deixam de ser verídicos o culto da Virgem mantido pelo rei e o voto feito à Senhora da Oliveira de, vencedor, ir a pé a Guimarães, em romagem à sua igreja, o qual cumpriu e règiamente ampliou, visto que lhe ofereceu o magnífico e precioso tríptico gótico de prata dourada, havido pela tradição como pertencente ao soberano castelhano, além da prata relativa ao pêso do seu corpo armado com tôdas as suas armas de Aljubarrota.

Mais provas dêsse culto temo-las na consagração feita a Santa Maria da Vitória do maravilhoso mosteiro da Batalha e na oração da partida para Ceuta, na qual o nobre rei pediu à Virgem Maria, *que sempre de seus feitos fôra advogada*, lhe concedesse o valioso socorrimento nessa conquista, no relato de Azurara na *Crónica de D. João I*.

Dois séculos e meio depois renova D. João IV o público testemunho da devoção régia por Maria Santíssima, pois a primeira festividade religiosa a que assiste, como rei aclamado, é a da Imaculada Conceição, na capela real, cuja invocatória desde largos evos subsistia nos espíritos, tanto no laico como no eclesiástico. Prègou nela o sermão o franciscano Frei João de S. Bernardino (impresso em 1641 por António Álvares e hoje considerado como raridade bibliográfica), que aproveitou o óptimo ensejo para, após as retóricas vulcanizadoras, os pindáricos exaltamentos, da restauração e da aclamação, sugerir a entrega oficial do reino ao patrocínio da Virgem: *Seja assim, Senhora, e eu vos prometo, em nome de todo êste reino, que êle agradecido levante um troféu a Vossa Imaculada Conceição, que, vencendo os séculos, seja eterno monumento da restauração de Portugal.*

Ainda que D. João IV fôsse devoto arraigado da Imaculada Conceição — culto êste, afinal, hereditário na sua família, tradicional na sua casa e que o inspirou para compôr em honra da Virgem uma bela *Magnificat* a quatro vozes e um concerto sôbre o cantochão do hino *Avé Maria Stella* — não bastariam as contínuas sugestões e os influxos firmes dos franciscanos, adeptos fervorosos da Virgem Maria, como aventa Alberto Pimentel na *História do Culto de N.ª S.ª da Conceição*, para disporem o monarca a jurar e fazer jurar pelos Estados do reino o mistério da Imaculada, assim como do aceitamento da mesma Senhora como padroeira nacional. Não se perderiam como estímulos, é claro; mas mais o deviam estimular e dispôr tanto o exemplo de Luís XIII, que no dia da Assunção tomou a Virgem como protectora sua e da França, como, mòrmente, as demonstrações públicas de fé e devotamento, constantes e veementes, pela Senhora da Conceição.

A Virgem e o Menino, de Giovanni Bellini

Mais ou menos insinuado, mais ou menos por motu próprio, começou êsse juramento por ser impôsto na outorga dos graus da Universidade de Coimbra, à maneira do que se praticava nas Universidades de Paris, Colónia, Mogúncia, Nápoles, e nas espanholas. No entanto, a nossa escola maior acolheu mal essa disposição, cuja doutrina suscitou longas e dilatadas discussões escritas; por fim, viu-se obrigada a acatá-la pela imperativa ordem régia de 17 de Janeiro de 1646. Curioso é notar que, pouco antes, pedira ao papa a Universidade a definição do mistério da Conceição, tendo escrito a carta o dr. D. André de Almada. Mais tarde, em 1733, foi o mesmo juramento adoptado pelos académicos da Academia Real de História.

Depois de expedida a sobredita ordem, obteve o rei das côrtes, reünidas desde 1645 para nomear os ministros e estipular as contribuïções exigidas pela guerra, a eleição de Nossa Senhora da Conceição como defensora e protectora do reino e dos seus domínios — a corôa, no juizo do conde da Ericeira, das resoluções das mesmas, que foi a mór segurança das vitórias que depois se seguiram. Na provisão de 25 de Março de 1643 assim a proclamou oficialmente o senhor D. João IV: *Considerando eu que o senhor rei D. Afonso Henriques sendo aclamado e levantado por rei em reconhecimento de tão grande mercê, de consentimento de seus vassalos, tomou por especial advogada sua a Virgem*

Mãe de Deus Nossa Senhora e debaixo da sua sagrada protecção e amparo lhe ofereceu todos os seus sucessores, reino e vassalos... Desejando eu imitar seu santo zêlo... reconhecendo ainda em mim avantajadas e contínuas mercês e benefícios da liberal e poderosa Mãe de Deus... prometemos e juramos com o príncipe e estados de confessar e defender sempre (até dar a vida sendo necessário) que a Virgem foi concebida sem pecado original... E se alguma pessoa intentar coisa alguma contra esta nossa promessa, juramento e vassalagem, sendo vassalo o havemos por não natural e queremos que seja logo lançado dêste reino, e se fôr rei haja a Sua e nossa maldição e não se conte entre nossos descendentes...

No mesmo dia da publicação e depois de lida pelo secretário de Estado Pedro Vieira da Silva, jurou o rei na capela dos Paços da Ribeira reconhecer Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal. À noite festejou-se o acto solene com fartas luminárias esparsas por tôda a cidade, que ao Senado da Câmara custaram 100$440 réis, como verificou Alberto Pimentel.

Da provisão se fizeram três autos: um destinado a Roma, para se adqüirir a confirmação da Sé Apostólica, que, afinal, só foi concedida em 1671 por Clemente X, e os outros, juntamente com esta, para se guardarem no arquivo de Vila Viçosa e na Tôrre do Tombo.

Foi comunicado o notável facto a todos os concelhos pela carta régia de 11 de Setembro de 1646, dirigida aos juizes, vereadores e procuradores das cidades e vilas, com cópia inclusa da provisão para cabal esclarecimento das suas determinantes, aos quais se ordenava que houvessem por bem tal eleição, que em cada cidade e vila devia ser renovada, de acôrdo com os cabidos, a fim de se alcançarem novas vitórias do inimigo e prosperidades para o reino. De cada eleição local far-se-iam dois autos, um dêles para ficar arquivado e o outro para reforçar em Roma o empenho da confirmação papal. Fez-se no Pôrto o juramento aos 30 de Junho de 1646, na capela-mór da catedral, com assistência dos oficiais da Câmara, do corregedor e procurador da comarca, dr. João Zuzarte da Fonseca, do juiz de fora, dr. Baltazar Barbosa, do procurador da cidade, o licenceado Manuel Nunes Franco, dos vereadores João Álvares de Azevedo e Rui Vaz Ferraz de Melo, dos fidalgos da cidade e dos procuradores do povo e dos mestéres. Depois da missa solene, com prègação em louvor da Virgem Maria, os oficiais da Câmara e os procuradores dos mestéres, com o apoio do cabido e do clero presente, confirmaram a proclamação, feita pelas côrtes, de Nossa Senhora como padroeira de Portugal e juraram, com a dextra nos Evangelhos, defender o Seu concebimento como liberto da mácula do pecado original, resalvado, porém, o caso da Santa Igreja Romana julgar o contrário. Em complemento do festivo acto, percorreu as ruas da cidade uma procissão solene.

A fim de suntuosamente comemorar tão presada eleição, mandou D. João IV fazer a cunhagem de medalhas de ouro e prata, para cujo trabalho veio de França o gravador António Ruitier. Valiam 12$000 as áureas e seis tostões as argentinas, as quais, por lei de 1651, circularam legalmente como corrente moeda. Chamavam-se de moedas da Conceição, cujas características eram estas: no anverso, a legenda Joannes IIII D. G. Portugaliae et Algarbiae Rex com a cruz de Cristo, ficando no centro as armas portuguesas; no reverso, a imagem da Conceição sôbre o globo e o crescente, a data 1648, espalhando-se aos lados vários emblemas (o sol, o hôrto, a casa do ouro, a fonte selada e a arca do santuário).

Todavia, o rei não estava satisfeito com a sua propaganda mariolátrica. Entendendo que convinha amplificá-la, dar-lhe mais fixidade, maior relêvo, mandou aos concelhos, por carta de 30 de Junho de 1654, que em tôdas as portas e entradas de cidades, vilas e lugares do reino, se colocassem pedras bem lavradas com uma inscrição memorativa que em vernáculo significa: *João IV, rei de Portugal, com as côrtes gerais, prometeu publicamente à eterna, sagrada, imaculada concepção de Maria, que êle e os seus reinos lhe seriam tributários num censo anual. E firmou com juramento que sempre havia de defender que a Mãe de Deus, escolhida para padroeira perpétua, fôra isenta do pecado original e para se conservar a piedade lusitana mandou gravar nesta pedra viva a memória perene, no ano de Cristo de 1646, 6.º do seu reinado.*

Não foi cumprida rigorosamente a ordem régia, já por muitas terras protelarem a sua execução, já por outras se limitarem a pôr numa só porta a legenda, como o Pôrto, onde se assentou apenas na do Olival, ao tempo a mais importante. Muitas dessas inscrições foram gravadas com êrros avondo, por defeito, é claro, dos canteiros, por má leitura.

A ideia não lampejou no espírito de João IV, mas sim no do franciscano Frei António das Chagas, dito Scoto, que soube infundi-la no ânimo realengo. A inscrição, porém, foi redigida por António de Sousa Macedo, o notável jornalista do *Mercúrio Português* e poeta épico da *Ulyssipo*, depois secretário de Estado de D. Afonso VI, que tal o confessa na sua obra filosófica *Eva e Ave*.

Em boa verdade, a ideia do franciscano não era original, porquanto em 1618 a Câmara de Lisboa mandara gravar legendas em silares, com a declaração de ter sido concebida a Virgem sem pecado original, e colocá-las nas portas da cidade, conforme o testemunho de Freire Oliveira no vol. II dos seus valiosos *Elementos para a história do município de Lisboa*. Todavia, do facto havia já um precedente, embora remoto; efectivamente, no século XI, Muninho Viegas, restaurador do Pôrto, fizera assentar a célebre imagem da Senhora de Vandoma, muito da sua reverente adoração, na porta

Madona em madeira, de Gimone Martini (século XIV)

oriental das muralhas do velho burgo, que, assim, tàcitamente lhe ficava consagrado.

Mais tarde, em 1733, noticia-nos Frei Cláudio da Conceição no *Gabinete Histórico*, a guarnição militar do Pôrto como que dá a réplica ao prio acto joanino, pois não só festeja solenemente o dia da Virgem Maria como também a declara como sua padroeira.

Não nos surpreendam estas várias manifestações látricas em prol da Imaculada Conceição, porque, repetindo, desde recuados tempos latejava em todos os corações a mór simpatia, fervente e dilecta ternura, pela Virgem Maria. Sempre Maria Santíssima foi honrada e venerada com especial carinho, com absoluta reverência; sempre os bons espíritos cristãos lhe testificaram profunda admiração. Decerto, engeita o seu culto a igreja protestante, mas não lho nega a igreja grega, para a qual a Virgem é a Panagia (a tôda santa), tal como na católica. Nesta, é artigo de fé que Maria foi preservada, desde o primeiro instante da sua concepção, do pecado original e sempre ficou virgem, por graça dos merecimentos e das virtudes de Jesus. Já no concílio ecunémico d'Efeso (431) foi definida a maternidade divina de Maria e no de Mogúncia (813) se marcou a festividade da Assunção da Virgem.

Esta doutrina, porém, não encontrou sanções gerais, geral concordância. Mais tarde, quando no século XIII propuseram e tenazmente defenderam os franciscanos a doutrina da Imaculada, surgiram graves e firmes resistências de emieminentes filósofos, teólogos e doutores da igreja, desde o místico S. Bernardo de Clairvaux ao escolástico peripatético Guilherme d'Auvergne e passando por S. Boaventura, o doutor seráfico, dos peripatéticos menores, por Durando, bispo de Meaux, o propugnador do nominalismo, por S. Tomás de Aquino, o doutor angélico, com o qual sobe ao auge a escolástica peripatética, por Pedro Lombardo, fomentador do livre pensamento, através da completa dogmática das suas *Sentenças*, e por Santo Anselmo de Cantorbery, um escolástico de raça, assim como de papas, tais como Inocêncio III e Clemente VI, e, sobretudo, da Ordem dominica. Travaram com esta os franciscanos fogosa referta, da qual redundou uma feroz perseguição feita aos dominicos, que foram exclusos das universidades, do púlpito e do confessionário, onde só regressaram em 1403, com prévio renegamento dos considerados êrros da sua impugnação à doutrina dita. Dos franciscanos avultou na apologia o célebre João Duns Scot, o doutor subtil, que foi ainda o mais relevante dos escolásticos e o patriarca do peripatetismo nominalista de Oecam, assim como o autor da ruturq entre a sciência e o dogma. Após o seu labor exegético e dialético na assembleia da Universidade de Paris, reünida para discutir e definir o valor dessa doutrina, na qual denodàdamente empolgou e venceu a controvérsia, proliterou e arraigou-se intensivamente o culto da Imaculada.

Comprovam-nos êsse antigo e latente culto vários passos históricos. Na *História Eclesiástica de Lisboa* escreveu o bispo D. Rodrigo da Cunha, considerado cronista, que velhíssimos breviários a êle se referiam. Frei Francisco Brandão, um dos nossos maiores historiadores, na *Monarquia Lusitana*, e o admirável prosador Frei Luís de Sousa, na *História de S. Domingos*, já citados pelo dr. Fortunato de Almeida na *História da Igreja em Portugal*, contam-nos que o bispo de Coimbra, D. Raimundo, a pedido de D. Isabel, a Raínha Santa, ordenou em 1320 — e esta data pode haver-se documentadamente em Portugal como a inicial da homenagem — que na catedral se celebrasse a festividade da Imaculada Conceição: *Stablecemos e mandamos que na nossa Igreja Cathedral de Coimbra façam festa em cada um anno, no oitavo dia do mês de Dezembro, no qual dia a Virgem gloriosa Santa Maria foi concebida, assim como a fazem pelas outras terras e como ella a mandou fazer.* Seguiu-lhe o exemplo, como parece, o bispo de Orense, D. João Cordolaco, que também instituïu a mesma solenidade na sua diocese. Do sobredito ordenamento do bispo conimbricense viu Brandão, bom é lembrar, o original no cartório da Sé. E consta que em 1329 foi celebrada pela primeira vez em Guimarães. Muito antes, porém, no remoto ano de 1140, realizaram a festividade os cónegos de Lyon, do que lhe reverteu uma admonenda de S. Bernardo, por tal fazerem sem consulta da Cúria romana; séculos depois, em 1717, prescreveu D. João V aos seus prelados que todos os anos devia ser executada.

Virgem e Menino, quadro do mestre Bartholomäus, no Museu Richartz-Walbraf, em Colónia

Esquecer-se não deve que de N.ª S.ª da Conceição foi o condestável Nun'Álvares Pereira devoto inveterado, santo que nas suas terras de Vila Viçosa fundou uma igreja sob sua invocatória — a primeira da península.

Sôbre o mistério da Conceição no 1.º quartel do século XV, segundo consta, escreveu certo Frei Lourenço, monge de Alcobaça, um tratado, que se perdeu. Em boa hora, todavia, não sofreu descaminho a epístola do bispo de Silves, D. Fernão Martins Mascarenhas, escrita em 1616 para defesa da Imaculada.

No concílio de Basileia, de 1431, foi proclamado o seu dogma, com geral concordância; no entanto, malogrou-se, por Eugénio IV o ter dissolvido como ilegítimo. Anos depois, Sixto IV, em 1476, concedeu indulgências aos devotos da Conceição, o que implicava o reconhecimento tácito da mesma crença. Eis os actos antecessores da promulgação dogmática de Pio IX, feita em 1854, conquanto, na verdade, caiba a prioridade ao sobredito concílio.

No concílios nacionais também actos de veneração pela Virgem se efectuaram. No diocesano da Guarda, de 1634, realizou-se o juramento de sempre se defender a Imaculada Conceição, pela primeira vez feito em Portugal; nos diocesanos de Braga e Coimbra, ambos de 1639, repetiu-se tal juramento. Eis a fórmula do bracarense, já citada na *História da Igreja: Prometemos e juramos todos os que n'este synodo estamos congregados, em nossos nomes e nos dos nossos successores, de sempre termos e guardarmos e defendermos que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem mácula de peccado original, na forma das constituições e breves apostolicos passados sôbre esta matéria.* E aos cónegos de Guimarães impôs em 1645 o prior da Colegiada o mesmo juramento nos actos de posse.

Madona em contemplação, quadro de Carlo Dolci (Roma — Galeria Corsini)

São, pois, de sobejo expressivos êstes factos para se compreender como tanto em Portugal como nos demais países católicos sempre o espírito religioso distinguiu e amou a Virgem Maria com predilecção afectuosíssima.

Também o juramento dos concílios nacionais nos atenteia que o de D. João IV não constituïu um mero acto de carolice, não procedeu nem duma cega devoção nem das testas sugestões franciscanas, antes se pode haver como satisfação dada às gerais aspirações do espírito religioso do país. Tanto no seu juramento como na eleição da padroeira verifica-se que João IV actuou mais em cumprimento de influxos imediatos e mediatos relativos a tais assuntos do que de disposições próprias, conquanto com o maior prazer pessoal.

No rodar dos tempos surge o príncipe regente D. João e mais uma vez o culto brigantino da Virgem é expresso publicamente. Pelo decreto de 6 de Fevereiro de 1818, do Rio de Janeiro, é instituïda a ordem militar de Nossa Senhora de Vila Viçosa, cuja insígnia, uma estrêla, apresentava a legenda *Padroeira do Reino*. Acertadamente se pode julgar esta criação como o complemento das resoluções de D. João IV.

Tantas aspirações, nacionais e estrangeiras, tão variadas e sentidas manifestações em prol da Imaculada Conceição, tiveram, finalmente, em 8 de Dezembro de 1854 a sua consagração oficial. Nesse dia foi publicada a bula *Ineffabilis Deus*, com a qual Pio IX proclamava êsse dogma, que já fôra um desejo de Gregório XVI. Trovoante celeuma se desencadeou e prestes já de provocar um scisma. No entanto, aquela bula fôra precedida por uma encíclica (1849) dirigida aos prelados católicos, inquiridora da opinião dos mesmos sôbre tal assunto, dos quais responderam 546 com voto positivo e 57 com negativo, e por uma reünião de bispos na sede papal.

Em Portugal não pôde ser executada imediatamente a bula por causa do govêrno a ter submetido à aprovação das côrtes antes do beneplácito régio, conforme o dispôsto no artigo 75.º § 14.º da celebérrima Carta Constitucional, do que redundou uma rija e cáustica polémica entre a *Nação* e a *Revolução de Setembro*, além da exuberante e viva controvérsia acêrca da regalia dêsse beneplácito. Só em 16 de Fevereiro de 1855 se publicou a carta de lei, após irrisórias sessões secretas das duas Câmaras, autorizando o govêrno a conceder o mesmo régio auxílio às letras apostólicas *Ineffabilis Deus* e em 19, a circular dirigida aos prelados com a licença para êles comunicarem aos fieis a resolução pontifícia. Só em 17 de Abril se celebrou na Patriarcal o *Te-Deum* de graças pela definição dogmática referida, com assistência dos reis e da côrte. Todavia, em Braga, não se aguardaram as sanções políticas, pelo que em 7 de Janeiro fôra festejada a proclamação de Pio IX. Resolveu a cidade, mais tarde, comemorar solenemente o notável advento, dêle deixar à posteridade sólida lembrança; por isso foi levantada no Sameiro uma estátua monumental da Virgem Maria, de mármore, benzida em 1869 pelo Arcebispo Primaz das Espanhas. Executou-a no Pôrto o santeiro-artista Amatucci e mede, fora o globo com a peanha, 14 palmos.

Também Lisboa, embora passadas três décadas, manifestou o mesmo empenho, constante da edificação duma igreja consagrada à Imaculada Conceição, na avenida António Maria Aguiar. Executou-se a cerimónia do lançamento da primeira pedra em 1904, no dia 8 de Dezembro, à qual assistiram a raínha D. Maria Pia, a côrte e os ministros. Colocou-se a pedra, marcada com cruzes pelo cardeal patriarca, no local da demolida tôrre e aí dorme o sono dos justos.

CARLOS DE PASSOS

CINEMATOGRAFIA

OS FILMES BONS, OS FILMES OPTIMOS E... OS CEM METROS PORTUGUESES A ABRIR...

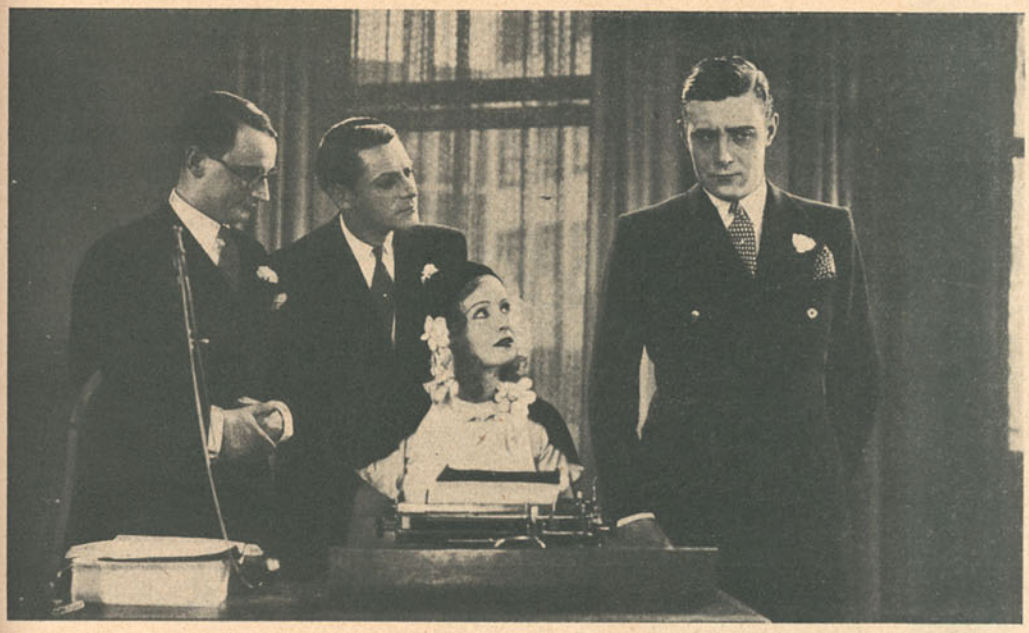
Em plena «season» cinematográfica, de todos os lados a publicidade trombeteia grandes nomes de grandes filmes, grandes astros ou grandes realizadores que, à compita, se vão estreando nos grandes cinemas. Ninguém olha às suas reservas de filmes. Atiram para a linha de fogo os melhores do reportório, sem uma perfeita noção, talvez, do que hão de fazer quando êstes, que não são muitos, se esgotarem. Mudas ou sonoras, de tôda a banda rompem as grandes produções. «Parada do Amor», «Sonho côr de rosa», «Trafalgar», «Arca de Noé», «Broadway Melody», «General Crack», uns em exibição, outros a exibir, formam a Grande Parada do Sonoro. De outra parte formosos filmes mudos, alguns John Gilbert, «Alta traição» da UFA, a grande e mirífica manigância de Fritz Lang «A mulher na lua», essa espantosa «Linha Geral», que é o ponto culminante da arte soviética, «Os pardais» de Mary Pickford, são a ala romântica das últimas maravilhas do cinema que vai morrer ao som

EM CIMA — Gerda Maurus, a estrêla da «UFA» que foi protagonista de «Espiões» e «Alta Traição» e que veremos em «A mulher na lua», de Fritz Lang

(Foto «UFA»-H. da Costa)

EM BAIXO — Lilian Harvey, outra deliciosa «vedeta» da «UFA», actualmente protagonista da opereta «Caminho do Paraíso», de Wilhelm Thiele

(Foto «UFA»-H. da Costa)



Uma scena da nova opereta Ufaton «Caminho do Paraíso», produdução Erich Pommer, com Lilian Harvey, René Lefebvre, Jacques Maury e Henry Garat — *(Foto «UFA»-H. da Costa)*

da clangorosa musicata da «Western». Em resumo, para o espectador, estamos atravessando uma época cinegráfica verdadeiramente maravilhosa, uma inflacção de coisas boas que, infelizmente, é muito difícil de sustentar. Quantas coisas más ou péssimas nos valerá, no futuro, esta exibição desmedida de bons filmes a eito? Enfim, lá diz o ditado que «enquanto o pau vai e vem...»

Vamos aproveitando, sem preocupações, os excelentes espectáculos de momento, rindo com o Chevalier-

Joan Marsh, nova artista dos elencos americanos, entregue às prosaicas preocupações de... encher almofadas de lã. — *(Foto M. G. M.)*

-apache disfarçado em príncipe gingão a cantar fanhosamente sandices bilingues, comovendo-nos com os trágicos mártires russos de Sérgio Eisenstein, sorrindo com as valsas doces de Janet Gaynor ou extasiando-nos com a plástica da Crawfrod. Gozemos os bons momentos de «La Paloma» e de todos êsses inarráveis desenhos animados que estão atingindo a perfeição sonora e o máximo do humor. Gozemos a época de bons filmes... e, para o disfrute ser completo, entremos sempre nos salões depois da exibição dêsses vergonhosos cem metros portugueses que são, em geral, indecorosos como foto, como técnica e até como imaginação ou inteligência do reporter especializado. Façamos votos porque desapareçam essas absurdas *vistas* que nos querem convencer, pertinazmente, de que o nosso lindo país é o mais feio, o mais sujo e o mais vulgar de todo o mundo... E então, dados os bons filmes que, de tôda a parte, nos estão visitando, iremos descançados ao cinema, confiados em que gozaremos uma noite magnífica, de magnífico regalo...

ÉCRAN.

À DIREITA — Uma formosa fotografia de Joan Crawford, a Vénus do cinema, a mais perturbante beleza da tela mundial, no seu toucador. — *(Foto M. G. M.)*

AS ÚLTIMAS MODAS

À ESQUERDA — UM LINDO E CAPRICHOSO MODÊLO DE COLETZ ET DUDAT, DE BERLIM — VESTIDO DE CRÊPE DA CHINA NEGRO, ORNADO DE PUNHOS E GOLA EM ROSA OPALINO, SENDO DEVERAS CURIOSO O CORTE DO ESPELHO DA SAIA QUE SUBLINHA BEM A TENDÊNCIA DA SILHUETA DO MOMENTO. SAIA EM «GODETS» SEM PONTAS.

EM BAIXO, À ESQUERDA — OUTRO VESTIDO DELICIOSO, MODÊLO PARISIENSE DE FELIX WORMS. VESTIDO EM CRÊPE DA CHINA «TÊTE-NEGRE», SAIA E SÔBRE-SAIA EM PREGAS E «GODETS», CORPO SEM MANGAS, GOLA E GRAVATA EM CRÊPE-SETIM BRANCO, EM RECORTES E RUCHAS, LUVAS NAS DUAS CÔRES DO «ENSEMBLE», CASAQUINHO CURTO EM CRÊPE-SETIM DA MESMA CÔR DO VESTIDO E ORNADO DE PELES MAIS ESCURAS OU ASTRAKAN. CHAPEU DE VELUDO EM TOM MAIS ESCURO DO QUE O VESTIDO

NA OVAL, EM BAIXO — MODÊLO DE CASACO «SPORT» ESTILO TRIANON, DA CASA COLETZ ET DUDAT, DE BERLIM. — PREDOMINAM AQUI, TAMBÉM, A CÔR CASTANHA COM GOLA E CANHÕES DE CRÊPE-SETIM BRANCO, NO ORIGINAL CORTE QUE A FOTO MOSTRA. O TECIDO DO CASACO É «TWEED», «KASHA» OU «PANO-SETIM». BOTÕES FORRADOS DA FAZENDA DA GOLA. BOLSOS POR FORA, PESPONTADOS A LINHA ENCERADA. CINTO, IDEM. CHAPELINHO GÔRRO EM VELUDO «MARRON» BORDADO A LÃ BRANCA, CARDADA LIGEIRAMENTE

(Fotos Bruno Winterfeld transmitidas por Orrios)

CURSO LITERARIO POR CORRESPONDENCIA

COMO SE FAZ UMA NOVELA REALISTA

DESFAZ-SE UM EQUÍVOCO INSIGNIFICANTE — PARA QUE SERVE O ESTILO — O ROMANTISMO DO AVÊSSO — PATOLOGIA E PSICOLOGIA, PAUS PARA TÔDA A OBRA — A TARA QUE VEM DA QUINTA GERAÇÃO — UM IDÍLIO EM UMA ESTREBARIA — O FILHO DO TARADO — A BOMBA LITERÁRIA — O SALUTAR EXEMPLO DE DEKOBRA

Meu caro discípulo:

Deu-se, afinal, um lamentável equívoco que me apresso a esclarecer. Os conselhos que na minha carta anterior carinhosamente lhe dirigi, não eram para si, eram para um outro amigo e seu condiscípulo da Beira Alta, que me consultara sôbre a maneira mais prática de escrever uma novela romântica. Um simples engano, uma insignificante troca de fixas, deu êste tremendo resultado: receitar para realismo o que pertencia ao romantismo e vice-versa.

Mas nada se perdeu, se por acaso você não se deu pressa de pôr em prática as minhas recomendações. Eu poderia dar-lhe o endereço do seu condiscípulo e a êste o seu endereço, provocando assim a destroca da correspondência, e tudo ficaria resolvido. Mas a especial atenção que Você me merece (jámais olvidarei que me pagou adiantada uma dúzia de lições, fora a gratificação) força-me a servi-lo o melhor que posso.

Ora, muito bem, como diria o Eça, o Zola ou Blasco Ibañez, tão fecundos em frases sábias, como esta. Ora, muito bem. O meu excelentíssimo futuro colega pretende seguir a escola realista, provàvelmente com uma basezinha naturalista para dar às pessoas e às cousas um aspecto mais scientíficamente verdadeiro. A cousa é fácil. O autêntico realista não carece de burilar demasiado a frase. O seu estilo deve ser duro e sêco como um bisturi. A frase serve, como um gancho ou um anzol, para descer ao fundo das personagens e arrancar-lhes a beleza ou a lama que elas contêm. De preferência, convém trazer lama à superfície, porque se se trás beleza poderá o leitor, pouco afeito a distinguir os vários géneros literários, confundir o realismo implacável com o romantismo que estima embelezar o mal com tintas, por vezes, soturnas mas sempre belas. Em síntese, o realismo não é mais do que o romantismo colocado do avêsso.

Os românticos descrevem, em regra, as grandes scenas de amor, em noites calmas, enxarcadas de luar, beijadas por brisas amenas e perfumes estonteantes. Os realistas, só para arreliar o leitor propenso a lindos devaneios sentimentais, descrevem noites vulgares, sem luar nem estrelas, um pouco húmidas e propícias a constipações. É neste ambiente charro que colocam as duas personagens amorosas que, em vez de frases lapidares, trocam monosílabos roucos que exprimem desejos impetuosos e porcos.

Como vê, meu caro, a coisa é fácil, como diria, com a sua costumada penetração espiritual, um Abel Botelho ou um Xavier de Montépin. Desculpe as citações; é conveniente metê-las uma vez por outra para insinuar no público ledor a nossa vasta erudição.

Fechemos o círculo das ideias gerais e entremos no campo das realidades práticas, sempre mais proveitosas para o aluno. Imaginemos, pois, que o meu próximo futuro colega se propunha escrever com mão firme uma novela realista de certo pêso, daquelas que arremessam os críticos para a discussão felizmente estéril sôbre a veracidade das personagens. Deve-se tomar por tema um caso de degenerescência, ou, com mais propriedade: um caso patológico. A patologia, parente próxima da psicologia, é uma sciência admirável, como o Santo Lenho, ao qual, através dos tempos, se têm cortado milhares de pedaços sem correr o risco de se acabar. Você inventará afoitamente uma personagem tarada e, para reforçar a aparência lógica do

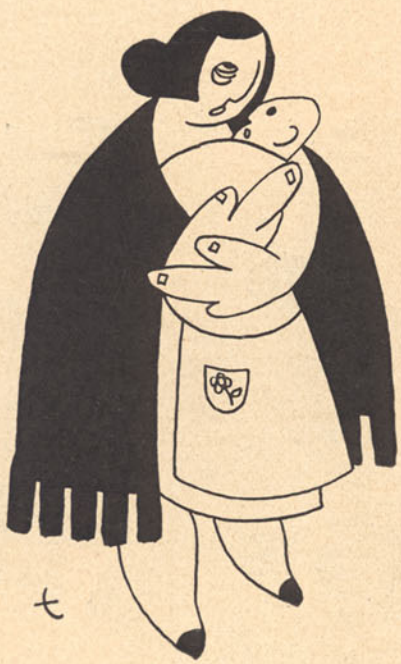
caso tremendo que se propõe analisar, fará uma digressão sisuda, grave, através da árvore genealógica do herói, provando que a tara vem, pelo menos, desde a quinta gèração. Todo êsse trabalho sôbre os antecedentes do herói se encasulará em um prólogo.

Quando conduz o leitor aterrorizado ao pórtico do primeiro capítulo já êle está convencido de que o cavalheiro que ocupar o melhor espaço de tôda a obra é, ao contrário do que sucede nas novelas românticas, um autêntico bandido.

O herói-bandido é, socialmente, um burguês feroz. Não convém que seja um proletário, embora em realidade bandidos se encontrem em tôdas as classes sociais. Será um burguês, para, com o seu dinheiro e o seu prestígio, comprar fàcilmente a impunidade e ir praticando, através de tresentas páginas compactas, tantas patifarias quantas sejam necessárias para indignar o leitor.

A par do facínora, logo no primeiro capítulo, coloca-se a sua vítima, que é uma rapariga bonita (bonita à maneira realista: côres sàdias, seios altos e rijos como pedra, ancas fortes, pernas bojudas com algum pêlo). O burguês, que fôra passar o verão a uma propriedade no campo, encontrará essa linda filha do povo a mungir as vacas. Descreve-se minuciosamente a estrebaria pocirenta, teias de aranha nas traves do tecto, palha pelo chão, estêrco das vacas por todos os cantos. É de boa tactica demorar-se na análise do estêrco, desenhando-lhe a forma, pintando-lhe a côr com tintas fortes e evocando-lhe o cheiro penetrante, que o escritor há de mostrar preferir aos perfumes caros das aristocratas e das burguesinhas fúteis. Ali, sim, ali é que há verdadeira beleza.

Ao vêr a rapariga, o burguês, um tarado, um sádico desde a quinta gèração, baba-se



de desejo. E, naquele mesmo local, aspirando o perfume acre do feno, do gado e do estrume, fala-lhe de amor.

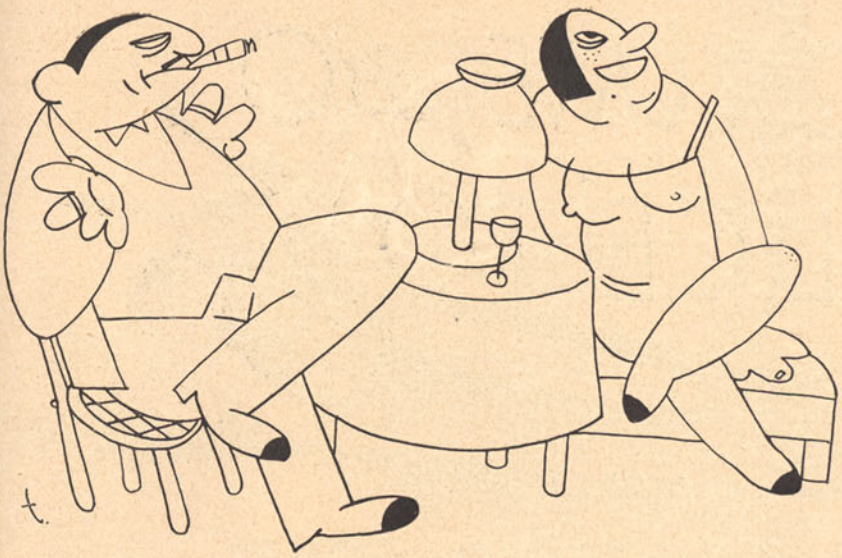
No segundo capítulo descreve-se minuciosamente o lar humilde da vaqueira: o pai, um cavador pobre mas honrado, barba descuidada, mãos calosas, que regressa ao caír da tarde baça e insípida e encontra a mulher de face enrugada e negra de sujidade a fazer o caldo que cheira a bedum. A rapariga sonha com as palavras do patrão. Mas no sonho não há nada de poético, nem sentimental; há apenas a atracção lúbrica da mulher que pressente a fatalidade da sua condição no olhar ávido de um homem — nada mais.

Terceiro capítulo: a rapariga é enganada pelo patrão. Neste ponto faz-se romantismo rude, servido por palavras obscenas que traduzirão a desilusão da moçoila, a indignação do pai e a arrelia da mãe.

Entretanto, pelos outros capítulos adiante, o burguês tarado, que abandonou infamemente a pobre rapariga do povo, faz na capital a sua vida de prazeres e luxo, gastando muito dinheiro. A vaqueira, lá na terra, dá à luz. Vaiada pela vizinhança, certa noite desaparece, vem para Lisboa e, para sustentar o filho da sua desgraça, faz-se cortezã barata. «Serve para matar desejos mas não vende o coração».

Decorrem os anos. O burguês morre tranqüila e cinicamente no seu palácio principesco, e o filho, que é ilegítimo, herda-lhe apenas as taras, os ruins instintos.

A vaqueira envelhece, o rapaz medra. É um homem, um homem terrível que não trabalha. Vive de negócios repugnantes, tais como a venda de alcaloides e a exploração de amor



mercenário, e, entre as exploradas, encontra-se a própria progenitora.

O leitor já deve estar muito alarmado com o caminho cada vez mais tortuoso que a novela toma. Não se importe Você com as emoções alheias. É preciso levar o repugnante até ao inverosímil — um inverosímil inflexível, cheio de lógica e rigor scientífico.

É para o último capítulo que o meu bom discípulo reserva a grande bomba fatal — bomba literária, bem entendido.

Descreverá minuciosamente a exploração do repugnante negócio, sob todos os aspectos, com a gíria apropriada, as orgias e as desordens. Entrará nesses pormenores — asseverará Você — para criar no ânimo das leitoras a repulsa pelo mal. E, para remate, gizará com requintado cinismo esta scena tremenda: o filho sem escrúpulos, verificando um dia que sua mãe está velha e desacredita o negócio, quebra a cinza do charuto, puxa duas lentas fumaças e manda-a expulsar por uma criada duvidosa.

E a última frase da novela será o desabafo do filho malvado:

— Irra, que já não podia aturar aquela megera!

A seguir, esta palavra fulminante e imprescindível:

FIM

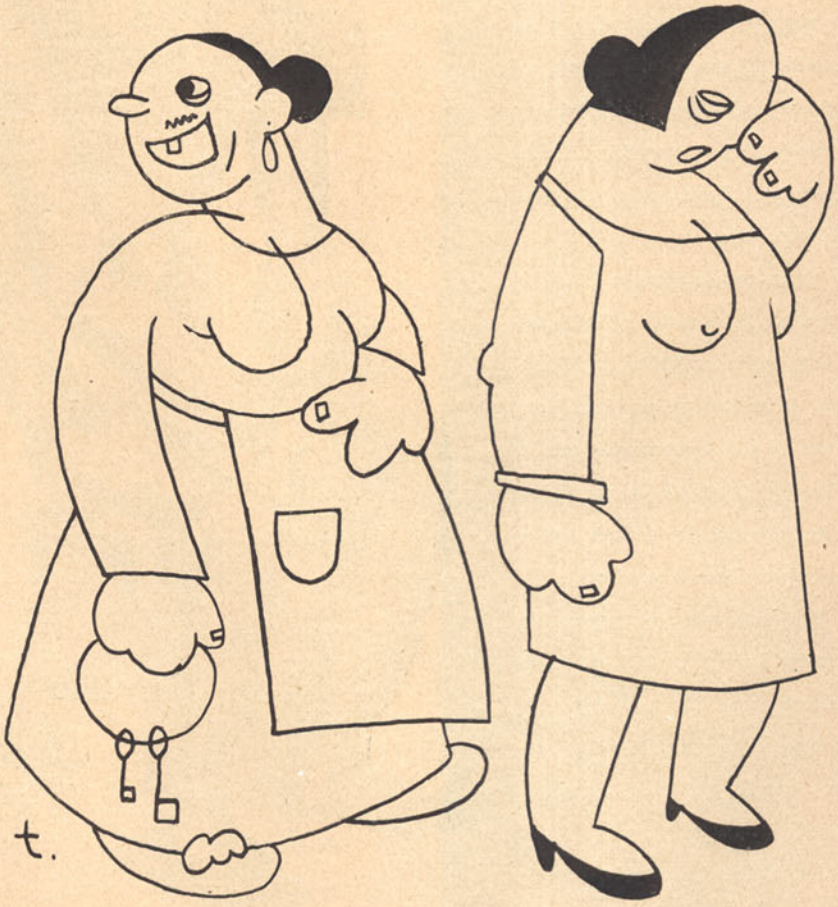
Aí tem, meu amigo, lèvemente esboçado um exèmplo de novela realista. No entanto, se para lhe educar o espírito esta minha lição não lhe basta, recomendo-lhe, a-fim-de bem se empregnar de canalhismo, a leitura de algumas novelas de Dekobra. Com êle aprenderá Você a enfrentar sem hesitação as scenas mais baixas e escandalosas, sem necessidade de grandes ascensões mentais. Eça de Queirós, o grande realista português, e Zola, o mestre tão mal compreendido por alguns discípulos, não lhe servem, porque afinal eram, bem vistas as coisas, dois românticos; o primeiro, enlevado na beleza da forma e na transparência da ideia, o segundo, misticamente convencido da redenção humana pela revelação nítida e grave de todos os cancros morais que a hipocrisia social oculta.

Êstes não lhe servem. Dekobra, sim, é o padrão. E, de resto, está fazendo uma fortuna colossal...

Deixa-lhe, por hoje, êstes conselhos literários à sua meditação o seu mestre e amigo

MÁRIO DOMINGUES

Bonecos de Tom



O CRIME DO MOLICEIRO

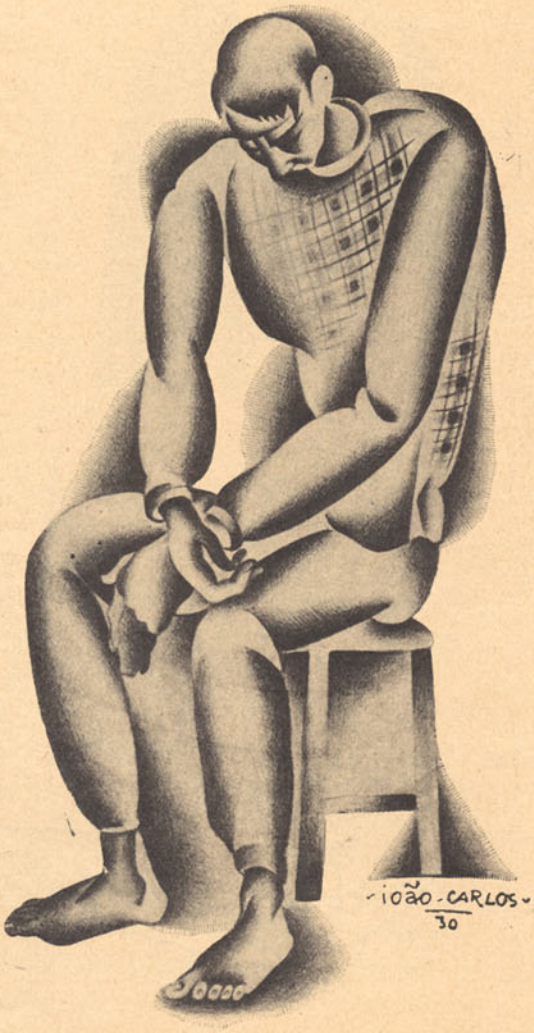
NOVELA DE CELESTINO GOMES
DESENHOS DE JOÃO CARLOS

Os jornais botaram para ali o que calhou, à feição das histórias de cordel mais dos folhetos dos cegos na feira dos treze. Um de Lisboa até trazia estampada a cara-de-réu do José Luzio. Foi um homem de fora tirar-lhe o retrato à cadeia e ficou com aquela cara-de-arremeter.

Cada qual contava as coisas à sua laia. Pelos modos, o José Luzio fôra, desde cachopito, mulhereiro. Atinava ao pai que Deus haja, que foi um homenzarrão para o Brasil e trouxe de lá um malzinho ruím que lhe fez caír todo o cabelo e o levou à sepultura.

Foi desta volta, já ninguém lhe futurava criação, que o José Luzio nasceu, mas tão cobertinho de mazelas e engelhado, que só visto: parecia, salvo seja, um vêlhinho pequeno.

Por ali se foi criando, à malvaïnça, como os mais. Em maior,



às luas, quando as marés eram mais baixas e os da sua egualha largavam para o moliço, pernas ao léu, êle esgueirava-se surrateiro, os olhos parados, sempre a olharem distraídos, e vinha à boquinha do matadouro, rente ao rio, ouvir os gemidos das rezes que iam para a matança. E todo êle se comprazia, gostoso, roçando no môrno da areia loura, como se qualquer coisa o acariciasse por dentro.

Por volta dos quinze anos, quando andou ao moliço, a sua consolação era carriar as cargas do barco, chapinhando a água da ria mais a Rosa Gregória, que vinha à soga dos bois na vez do pai, revezeiro da prôa na safra das companhas. Os olhos, então, os mesmos olhos parados olhavam a rapariga tôda, de cima a baixo, longo tempo.

Nas romarias, o José Luzio nunca

faltava. Êle era o maioral dos dansadores de modinhas, tinha queda para aquilo, e todo o dia bailava, bailava sem cansar.

Diziam que o rapaz não chegava a casar. Para mais, êle não ganhava afeição a nenhuma, era hoje uma, àmanhã outra, não havia mulheres que lhe chegassem. Por isso, quando andaram a enloilá-lo para o casar com a Rosa Gregória, todo o mundo dizia que era tempo escusado e ninguém futurava boa coisa dali. Ainda hoje é voz corrente que o apanharam, e pela bôca, ao carneiro, na festa da Senhora da Gramata.

O certo é que parece que nunca mais regulou bem da cabeça, e de então ao diante quitaram de lhe tirar a teima da cachopa; tal paixão de alma que, num comenos, o rapaz estava casado.

Ora foi por êste tempo, valha a verdade, quando o Zé Luzio começou a safra por conta do sr. Rodrigues, que a mulher dêste, uma de olhos cicatrizados de pinturas e vestidos arrevezados rés-vés dos joelhos, ainda arriba que nanja abaixo, uma que tirava retratos a lápis que era uma parecença, entrou a andar no barco do moliceiro — que tôda ela era ser sereia em cata de água.

Êle percebia-a lá! Êle sabia lá o que tal mulher dizia, enfarinhada de um pó de arroz côr de oca, a bôca a vermelhão que nem as figuras que o ti'Patrão prantava à prôa mais à pôpa do barco, *sou brasilêro bem vê* e *ora biba a rapaziada do muliço*, as sobrancelhas cortadas à navalha a fazerem um risco sôbre-los-olhos, o corpo justo numa camiseta vermelha que lhe punha o peito em altar — Deus me perdôe! E tôda ela era olhar os músculos de aço do moliceiro, com a languidez nos cubiçosos olhos pintados, como êle só se lembrava ter visto, uma vez, numa cara de prospectos de cinema.

Mas por certa manhãzinha de vento marejão e bruma densa como espuma, a água da ria quási cinzenta e semi-opaca, foram dar com o moliceiro encalhado ao norte da Gramata, a vela derriada e o Zé Luzio, como um náufrago, esfarrapado, trágico, arrastando o cadáver daquela mulher — figuras talhadas de bruma e lenda, assim uma sereia morta em braços dum atlante.

Ao princípio ninguém a conheceu, lavada de cara a primeira vez. Foi êle, as lágrimas ou o nevoeiro a encharcar-lhe as faces, o olhar em perdição de longes, quando os outros cuidavam dela ter caído à água, baldeada do barco, que lhes gritou desvairado: — Fui eu, fui eu! Ao menos agora estou descansado!

O senhor juiz mandou prender o Zé Luzio. E quando lhe preguntou o que houvera, que lhe contasse tudo, o moliceiro tapou os olhos, teve um gesto de pudor que lhe comeu as primeiras sílabas e, após, dum solavanco só, pôs a galope o caír do pano da tragédia:

— Eu podia tornar as culpas ao tempo, que fôra ela quem caíu à maré. Todo o mundo me acreditava. Mas fui eu, fui eu que a baldeei ao rio. Ela perdia-me, eu era dela. Já nem via a minha Rosa, doida daquela tentação vermelha sempre diante dos meus olhos, daquela fogueira que me ardia todo!

«Tentou-me; roubou-me à minha mulher, e matei-a.

EPISODIOS DA REVOLUÇÃO ALEMÃ

por J. Wassermann

desenhos de Galvão

COLECÇÃO

Numa das antigas capitais da Alemanha Central, estalaram, no princípio da revolução, grandes distúrbios proletários que as cidades ainda recordam com horror.

Milhares de operários reüniram-se em grupos e dirigiram-se, numa nublada manhã de Fevereiro, para o centro da cidade. Uniu-se a êles a chusma de vagabundos, que não fazia nada durante todo o ano, e viu-se logo que a Polícia não podia fazer frente àquela *avalanche* ameaçadora. Os estabelecimentos protegeram as suas vitrines com as persianas de ferro e os cafés e restaurantes fecharam as portas apressadamente. O pânico invadia todo o mundo. As portas das casas particulares também não se conservaram abertas; às janelas surgiam de vez em quando, caras cheias de curiosidade e terror ante os gritos e apitos das massas que se aproximavam.

A horda invasora abria caminho como uma torrente de água, arrojando pedras e partindo vidros.

Ouvia-se de longe a longe alguma detonação. A Polícia limitou-se a tomar medidas de defeza e preparou-se para conter a multidão revoltada com sabre e *casse-têtes*. O alvorôço aumentava com o ódio.

Os gritos e alaridos eram de cada vez mais horríveis.

Viam-se braços nus e punhos apertados que se elevavam em sinal de protesto por cima da massa humana; nos olhos scintilavam chamas de ódio e vingança.

As mulheres estimulavam os homens; crianças andrajosas enchiam o espaço de gritos ensurdecedores. À menor provocação, uma simples palavra irritante, seria inevitável o assassinato e o saque.

Naquela altura atravessava uma praça pública, onde já chegavam as avançadas dos amotinados, um vagon enorme, semelhante a uma carroça de transportes, onde as paredes eram substituidas por cortinas de lona que tinham estampada os escudos da família rial que até então governara aquele país. Ante aqueles odiados emblemas a exaltação da massa converteu-se em fúria. Tôda ela se aglomerou ameaçadora à volta do carro. Os esforços da Polícia para romper através daquele mar de gente foram inúteis.

O cocheiro parara os dois cavalos, e, ao puxar pelas rédeas, fê-lo tão violentamente que estas ficaram-lhe nas mãos. Um homem que saltara para a parte posterior do vagon, pegou na espingarda que levava a tiracolo e apertou o gatilho. Era o sinal de combate. Mas um tremendo golpe pregou com êle em terra. Então, quarenta ou cinqüenta braços agarraram-se à lona do escudo de armas.

Ninguém fazia caso das veementes gesticulações do cocheiro. As suas palavras iradas afogavam-se na turba. A lona, que não resistiu aos puxões dos revoltados, caíu em pedaços. Mas, nessa altura, todos êles, até os mais valentes, sentiram-se invadidos por um pânico indomável.

Apitos, gritos e alaridos cessaram como por encanto.

Os que estavam à frente e podiam ver o que se passava, deixavam os outros aterrados com o seu rápido silêncio. Pressentiam qualqual coisa de sinistro e contemplavam com olhos assustados o pescoço dos que tinham diante.

No vagon havia um leão núbio que pertencera ao jardim zoológico da casa rial. Como custava muito sustentá-lo, e também um pouco por aversão a tudo aquilo que servira de prazer ao seu antigo dono, o novo govêrno tinha tomado a decisão de vender a fera a um país estrangeiro. Eis porque, naquela mesma manhã o levavam para a estação, a fim de ser despachado para o seu destino.

Ao caír a parede de lona, o leão levantou-se pachorrento e contemplou aqueles milhares de pessoas tão fixamente, com tal expressão de magestade inspiradora de res-

peito, que não se ouvia o menor ruído, nem sequer as respirações da gente. Nos olhos chamejantes do animal reflectia-se um mundo desconhecido. Mas que espécie de mundo seria aquele? Um mundo duro e frio como a pedra; um mundo sem céu, sem horizonte, cheio de sussurros misteriosos e de aromas ofensivos. Sentiria êle uma insinuação, vaga que fôsse, das paixões selvagens que produziam o desespêro e a miséria; êle, que não conhecia nem desespêro nem miséria, e que, le paixões, só conhecia as elementares, próprias da sua natureza superior?

Via efectivamente aquelas caras feias, descompostas, ou atingia-o simplesmente a impressão parcial de algum detalhe: dentes apertados, faces vincadas, queixos salientes; a fúria violenta num olhar, o olhar sem alma de Megera; a ironia sombria dos extenuados?

Mas a massa sentiu, quási com fervor religioso, algo que era completamente desconhecido para o leão real.

Onde êles viviam e ruminavam o seu mal, onde sofriam os seus enfermos e nasciam os seus filhos, onde davam rédea solta aos seus pensamentos sombrios sôbre tôdas as injustiças que constituiam a herança duma ordem malvada; em todos os seus caminhos e viagens, em todos os sonhos da sua imaginação servil, nunca tiveram uma visão como aquela que tão bem lhes recordasse o que havia por cima do mundo, da grandeza e do poder da Natureza.

Um horror indefinível apoderou-se daquelas sombrias almas. Tremeram; seus músculos cediam, ficavam lassos; inclinaram as cabeças e baixaram o olhar; a massa aglomerada e até então espessa começava a dar de si, abrindo-se sulcos aqui e além.

A Polícia, favorecida por esta circunstância, pôde assim prender vários *leaders* perigosos, e a rebelião morreu ao nascer.

Passatempo

OS OITO RABOS

(Solução)

Os rabos pertenciam: O n.º 1 a um macaco de cauda preensível; o 2 a um rapozo; o 3 a um boi; o 4 a um cavalo; o 5 a um veado; o 6 a uma ratazana; o 7 a um cão, e o 8 a um leão.

QUEBRA CABEÇAS

O rebanho é bem visível, mas outro-tanto não diremos do cão, seu guardador. Contudo êle lá está e vigilante como é do seu dever. Queiram procurá-lo

AMABILIDADES CONJUGAIS

Êle (ao jantar): — Ouve lá, êstes pastéis que tu fizeste não se podem comer, de duros que estão. Julgas, por acaso, que sou algum avestruz?

Ela: — Quem dera que fôsses! Porque então arrancar-te-ía umas penas que me fazem falta para o meu chapéu.

ENGENHO INFANTIL

O professor: — Porque foi que a serpente tentou primeiramente Eva e não Adão?

O discípulo: — Por galanteria.

ENTRE ESTUDANTES

— Então, já recebêste carta da tua casa?

— Já. Mas falharam os meus planos! Tinha-lhes pedido dinheiro para livros...

— E não acreditam que precises dêles?

— Pelo contrário: o que me mandam são os livros.

TINHA RAZÃO

— O senhor não me assegurou, quando lhe comprei êste papagaio, que êle repetiria tudo quanto ouvisse?

— Assegurei, sim senhor.

— Mas, então, como se explica isto? Se êle não repete nem uma única palavra!

— Escute, eu disse-lhe que o papagaio repetiria tudo quanto ouvisse; mas como infelizmente êle é surdo como uma porta... naturalmente que não repete nada!

Ela: — Viu no jornal a notícia daquêle banqueiro do Pôrto que ofereceu à noiva um colar de pérolas que vale 300 contos?

Êle: — Não; não dei por isso.

Ela: — Santo Deus! Mas então os senhores nunca andam ao facto dos acontecimentos importantes do dia?

Diálogo entre um pai e o seu pequenito preguntador:

— Ó papá, que é uma crónica?

— É um trabalho ligeiro, uma coisa que passa.

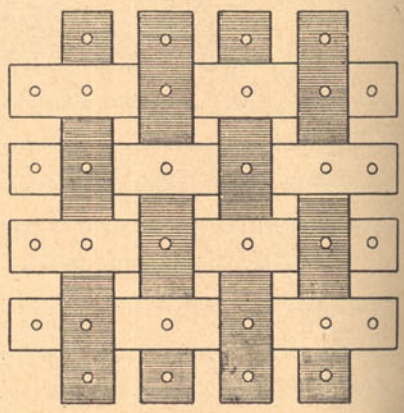
— Isso é que não é, porque o tio Joaquim tem uma bronquite crónica, que não lhe passa nunca.

Gabriela: — A Carlota é um poço de vaidade. Leva horas e horas defronte do espêlho, a admirar a sua formosura.

Virgínia: — Isso não se chama vaidade; chama-se excesso de imaginação.

GRADE DANTESCA

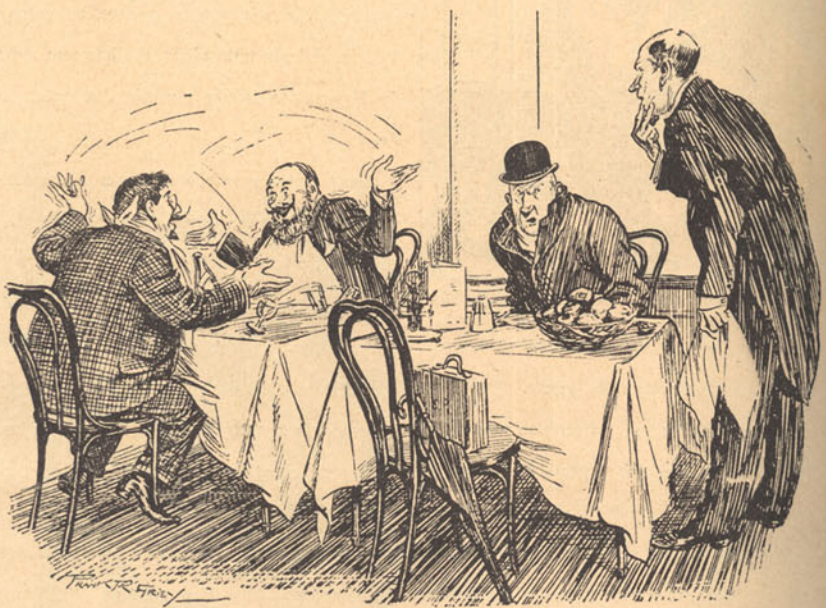
(Problema)



Nesta grade de madeira, em logar dos pregos que nela se vêem, tem de se pôr números todos diferentes uns dos outros, de modo que a soma em cada umas quatro filas horizontais dê o ano do nascimento do grande poeta italiano Dante Alighieri, e em cada uma das quatro colunas verticais, o ano da sua morte. Além disso, a diferença entre o maior e o menor dos números escolhidos deve indicar a idade que êle tinha quando morreu.

O tio: — Como podes tu comer tanto?

O sobrinho: — Não sei; mas estou sempre vasio, quando a mesa está cheia.



Freguês, friorento (para o criado): — Ó homem, veja você se consegue que êstes dois cavalheiros se mudem para outra mesa, que eu não posso suportar a corrente de ar que fazem com os braços.

Distinción

Essa característica tão admirada no mundo cosmopolita — a distinção — é um dos valores do *Lincoln*, o carro de belêsa pessoalíssima e única. Eis a razão porque possuir um *Lincoln* — o carro da suprema distinção — é a mais alta demonstração de elegância, gôsto selecto e requintado.

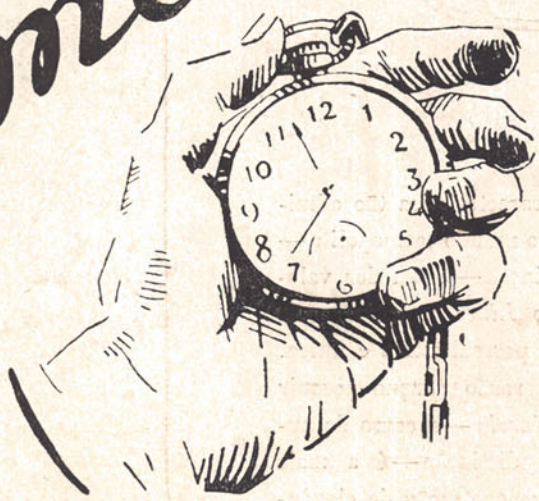
LINCOLN

LINCOLN Ford FORD ON

Ford Motor Ibérica
BARCELONA

Antonio Spinola

Como Cronómetros



funcionam os motores empregando

Auto-Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

673 *Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil*